



Ministério da Educação  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Faculdade Interdisciplinar em Humanidades  
Curso de Graduação em Geografia-Licenciatura

# **MANUAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA**

Normas, orientações gerais e documentos

Diamantina  
Minas Gerais  
2018

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>2. FUNDAMENTOS LEGAIS.....</b>	<b>3</b>
<b>3. ATIVIDADES ACADÊMICAS ESPECÍFICAS.....</b>	<b>9</b>
3.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I (GESTÃO ESCOLAR) .....	9
3.2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO II (ENSINO FUNDAMENTAL) .....	10
3.3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO III (ENSINO MÉDIO) .....	11
3.4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV (ESPAÇO NÃO FORMAL).....	11
<b>4. AVALIAÇÕES .....</b>	<b>12</b>
<b>5. DIRETRIZES DE ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DOS ESTÁGIOS .....</b>	<b>13</b>
5.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I .....	13
5.2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO II E ESTÁGIO SUPERVISIONADO III.....	15
5.3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV.....	17
<b>6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>21</b>
<b>7. ANEXOS .....</b>	<b>22</b>
ANEXO I - ESTÁGIO SUPERVISIONADO I – GESTÃO ESCOLAR .....	23
ANEXO II - ESTÁGIO SUPERVISIONADO II (ENSINO FUNDAMENTAL) E ES III (ENSINO MÉDIO). 24	
ANEXO III - ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV – ESPAÇOS NÃO FORMAIS .....	25
ANEXO IV – CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	26
ANEXO V – TERMO DE COMPROMISSO.....	27
ANEXO VI – PLANO DE ATIVIDADES .....	28
ANEXO VII – FICHA DE OBSERVAÇÃO DAS AULAS .....	29
ANEXO VIII – FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO.....	31
ANEXO IX – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DA ESCOLA/SUPERVISOR .....	32
ANEXO X – ATESTADO DE CONCLUSÃO E AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES .....	33

## 1. APRESENTAÇÃO

A realização dos estágios curriculares supervisionados é atividade presencial e obrigatória no percurso formativo do estudante de curso de graduação em Geografia-Licenciatura. Tem por objetivo geral a articulação entre a formação teórica e a prática pedagógica, na busca do desenvolvimento ou aprimoramento de habilidades e competência necessárias para atuação como profissional da educação na área de Geografia. Trata-se, sobretudo, de uma atividade que compõe o processo formativo do licenciado e, como tal, deve cumprir objetivo de articular as dimensões de ensino, pesquisa e extensão de tal modo a desenvolver uma prática pedagógica capaz de compreender a realidade e de propor intervenções de modo a contribuir para sua transformação. Portanto, a realização dos estágios exige organização, planejamento, acompanhamento e sistematização das atividades.

O Manual de Estágio Supervisionado do Curso de Geografia tem por objetivo apresentar os fundamentos legais, normas e orientações para a realização das atividades de estágio, enquanto uma Atividade Acadêmica Específica, a serem realizadas para integralização curricular, conforme previsto no Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Graduação em Geografia-Licenciatura (PPC) aprovado e implementado em 2018.

Em atendimento, em especial, a Resolução CNE/CP nº 02/2015, a partir do PPC 2018 passa a incluir quatro atividades acadêmicas específicas de estágio supervisionado, de modo a integralizar 400 horas-prática nas modalidades Gestão Escolar, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Espaços não-formais.

## 2. FUNDAMENTOS LEGAIS

As normas, orientações e documentos apresentados neste documento têm por base e amparo na legislação vigente, sendo: a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; a Lei nº. 11.788, de 25 de setembro de 2008 - Dispõe sobre o estágio de estudantes [...]; da Resolução CNE/CES nº. 14, de 13 de março de 2002 - Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Geografia; as normativas internas, expressas na Resolução CONSEPE nº. 17/2016 e na Resolução CONSEPE nº. 21/2014; a Instrução Normativa MPOG nº. 02, de 24 de junho de 2018. E, por

fim, especialmente aquelas recomendadas pela Resolução CNE/CP nº. 02 de 1º de julho de 2015 - Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior [...].

Conforme definido nos termos da Lei nº. 9.394/1996:

Art. 61. Consideram-se **profissionais da educação** escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio;

[...]

Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;

II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;

III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades.

Assim, conforme disposto na Lei n. 11.788/2008 (grifos nossos):

Art. 1º Estágio é **ato educativo escolar** supervisionado, desenvolvido no **ambiente de trabalho**, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de **integrar o itinerário formativo do educando**.

§ 2º O estágio visa ao **aprendizado de competências próprias da atividade profissional** e à **contextualização curricular**, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.

[...]

Art. 3º O estágio, tanto na hipótese do § 1º do art. 2º desta Lei quanto na prevista no § 2º do mesmo dispositivo, não cria vínculo empregatício de qualquer natureza, observados os seguintes requisitos:

I – **matrícula e frequência regular** do educando em curso de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da

educação especial e nos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos e atestados pela instituição de ensino;

II – **celebração de termo de compromisso** entre o educando, a parte concedente do estágio e a instituição de ensino;

III – **compatibilidade entre as atividades** desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no termo de compromisso.

Conforme regulamentado pela Resolução CNE/CP nº 02/2015, em seu capítulo IV que versa sobre a formação inicial do magistério da educação básica em nível superior: “§ 2º A formação inicial para **o exercício da docência e da gestão na educação básica** implica a formação em nível superior adequada à área de conhecimento e às etapas de atuação.” (grifos nossos). Deste modo:

Art. 10. A formação inicial destina-se àqueles que pretendem exercer o magistério da educação básica em suas etapas e modalidades de educação e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos, compreendendo a articulação entre estudos teórico-práticos, investigação e reflexão crítica, aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino.

Parágrafo único. As **atividades do magistério** também compreendem **a atuação e participação na organização e gestão de sistemas de educação básica e suas instituições de ensino**, englobando:

I - planejamento, desenvolvimento, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos, do ensino, das dinâmicas pedagógicas e experiências educativas;

II - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico das áreas específicas e do campo educacional.

No capítulo V, em que dispõe sobre a formação inicial do magistério da educação básica em nível superior: estrutura e currículo, a Resolução CNE/CP nº 02/2015 aponta:

Art. 13. Os cursos de formação inicial de professores para a educação básica em nível superior, em cursos de licenciatura, organizados em áreas especializadas, por componente curricular ou por campo de conhecimento e/ou interdisciplinar, considerando-se a complexidade e multirreferencialidade dos estudos que os englobam, bem como a **formação para o exercício integrado e indissociável da docência na educação básica**, incluindo **o ensino e a gestão educacional, e dos processos educativos escolares e não escolares, da produção e difusão do conhecimento científico, tecnológico e educacional**,

estruturam-se por meio da garantia de base comum nacional das orientações curriculares.

[...]

II - 400 (quatrocentas) horas dedicadas ao estágio supervisionado, na área de formação e atuação na educação básica, contemplando também outras áreas específicas, se for o caso, conforme o projeto de curso da instituição;

[...]

§ 2º Os cursos de formação deverão garantir nos currículos conteúdos específicos da respectiva área de conhecimento ou interdisciplinares, seus fundamentos e metodologias, bem como conteúdos relacionados aos fundamentos da educação, **formação na área de políticas públicas e gestão da educação**, seus fundamentos e metodologias, direitos humanos, diversidades étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional, Língua Brasileira de Sinais (Libras), educação especial e direitos educacionais de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas.

[...]

§ 6º O estágio curricular supervisionado é componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade **específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico**.

Enfim, o ES a ser feito na educação básica deve ser vivenciado durante o curso de formação, de modo a garantir tempo suficiente para a ação-reflexão-ação, acompanhada pela orientação e supervisão na abordagem das diferentes dimensões da atuação profissional. E, para isto, um compromisso deve ser firmado entre os agentes envolvidos: a instituição de ensino, a parte concedente e o estagiário, de acordo com as competências previstas na Lei n. 11.788/08:

Art. 7º São obrigações das instituições de ensino, em relação aos estágios de seus educandos:

I – celebrar **termo de compromisso** com o educando ou com seu representante ou assistente legal, quando ele for absoluta ou relativamente incapaz, e com a parte concedente, indicando as condições de adequação do estágio à proposta pedagógica do curso, à etapa e modalidade da formação escolar do estudante e ao horário e calendário escolar;

II – **avaliar as instalações** da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do educando;

III – **indicar professor orientador**, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário;

IV – exigir do educando a apresentação periódica, em prazo não superior a 6 (seis) meses, de **relatório das atividades**;

V – zelar pelo cumprimento do termo de compromisso, reorientando o estagiário para outro local em caso de descumprimento de suas normas;

VI – elaborar normas complementares e instrumentos de avaliação dos estágios de seus educandos;

VII – comunicar à parte concedente do estágio, no início do período letivo, as datas de realização de avaliações escolares ou acadêmicas.

Parágrafo único. O **plano de atividades do estagiário**, elaborado em acordo das 3 (três) partes a que se refere o inciso II do caput do art. 3º desta Lei, será incorporado ao termo de compromisso por meio de aditivos à medida que for avaliado, progressivamente, o desempenho do estudante.

[...]

Art. 9º As pessoas jurídicas de direito privado e os órgãos da administração pública direta, autárquica e fundacional de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como profissionais liberais de nível superior devidamente registrados em seus respectivos conselhos de fiscalização profissional, podem oferecer estágio, observadas as seguintes obrigações:

I – celebrar termo de compromisso com a instituição de ensino e o educando, zelando por seu cumprimento;

II – ofertar instalações que tenham condições de proporcionar ao educando atividades de aprendizagem social, profissional e cultural;

III – indicar funcionário de seu quadro de pessoal, com formação ou experiência profissional na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário, para orientar e supervisionar até 10 (dez) estagiários simultaneamente;

IV – contratar em favor do estagiário seguro contra acidentes pessoais, cuja apólice seja compatível com valores de mercado, conforme fique estabelecido no termo de compromisso;

V – por ocasião do desligamento do estagiário, entregar termo de realização do estágio com indicação resumida das atividades desenvolvidas, dos períodos e da avaliação de desempenho;

VI – manter à disposição da fiscalização documentos que comprovem a relação de estágio;

VII – enviar à instituição de ensino, com periodicidade mínima de 6 (seis) meses, relatório de atividades, com vista obrigatória ao estagiário.

Parágrafo único. No caso de estágio obrigatório, a responsabilidade pela contratação do seguro de que trata o inciso IV do caput deste artigo poderá, alternativamente, ser assumida pela instituição de ensino.

Visando o atendimento aos fundamentos legais, os estágios curriculares supervisionados vinculados ao curso de graduação em Geografia-Licenciatura, em sua execução devem:

- Garantir a leitura e conhecimento integral, pelos docentes e estudantes, dos fundamentos legais;
- Estar em sintonia com o Projeto Pedagógico Curricular (PPC) de 2018;
- Viabilizar a celebração do Termo de Compromisso entre a UFVJM e a concedente (instituição escolar e ou receptora);
- Executar o Plano de Atividades do estudante-estagiário;
- Indicar professores orientadores;
- Exigir apresentação de relatório de atividades realizadas pelo estudante-estagiário;
- Estabelecer relação institucional, preferencialmente contínua, com a parte concedente do estágio de modo a permitir processo de sistematização da experiência, monitoramento, avaliação e planejamento participativo das atividades.

### 3. ATIVIDADES ACADÊMICAS ESPECÍFICAS

#### 3.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I (GESTÃO ESCOLAR)

**Período:** Quinto

**Carga horária:** 100 h/a

**Ementa:** Vivência da organização e funcionamento escolar, coordenação pedagógica e gestão. Participação nas atividades de planejamento, conselhos, reuniões e demais instâncias que envolvem estrutura escolar. Estudo e análise da gestão escolar. Elaboração de diagnósticos e metodologias participativas. Gestão democrática e inclusiva. Elaboração de projetos, planejamento, monitoramento e avaliação na escola. A organização da escola na estrutura organizativa do ente federado.

#### **Bibliografia básica:**

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

#### **Bibliografia complementar:**

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LIBÂNEO, J. C.; TOSCHI, M. S.; OLIVEIRA, J. F. de. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MACEDO, L. de. **Ensaio pedagógico: como construir uma escola para todos?** Porto Alegre: Artmed, 2005.

MEDEL, C. R. M. A. **Projeto político pedagógico: construção e implementação na escola**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, D. A. (Org.). **Gestão democrática da educação: desafios contemporâneos**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, N. S. F. C. da; KUENZER, A. Z.; FERREIRA, N. S. C. (Org.). **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

TAVARES, R. H. **Luta na escola: da gestão democrática à organização no local de trabalho**. Belo Horizonte: Edições do autor, 1996.

VASCONCELLOS, C. S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 15. ed. São Paulo: Libertad, 2013.

VIEIRA, S. L. (Org.). **Gestão da escola: desafios a enfrentar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. Política(s) e gestão da educação básica: revisitando conceitos simples. **Revista Brasileira de Políticas e Administração da Educação**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 53-69,

jan./abr. 2007. Disponível em:  
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/19013/11044>>. Acesso em: 20 dez. 2016.  
VIEIRA, S. R. Docência, gestão e conhecimento: conceitos articuladores do novo perfil do pedagogo instituído pela resolução CNE/CP n. 01/2006. **HISTEDBR**, Campinas, n. 44, p. 131-55, dez. 2011. Disponível em:  
<[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/44/art09\\_44.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/44/art09_44.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2016.

### 3.2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO II (ENSINO FUNDAMENTAL)

**Período:** Sexto

**Carga horária:** 100 h/a

**Ementa:** Fundamentação teórica e prática pedagógica de Geografia no ensino fundamental. Construção ou aperfeiçoamento da identidade profissional. Planejamento e desenvolvimento ativo de atividades educativas. Exercício prático dos elementos didáticos no processo de ensino-aprendizagem. Contatos com conteúdos programáticos e diretrizes metodológicas. Experiências com materiais didáticos e novas tecnologias. As tecnologias digitais de informação e comunicação na escola. Vivência no cotidiano escolar. Observação/participação, reflexão e proposições: desafios e possibilidades.

#### **Bibliografia básica:**

BURIOLLA, M. A. F. **O estágio supervisionado**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.  
CARLOS, A. F. A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 1999.  
SILVA, L. C. da; MIRANDA, M. I. (Org.). **Estágio supervisionado e prática de ensino: desafios e possibilidades**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2008.

#### **Bibliografia complementar:**

ANTUNES, C. **Geografia para a educação de jovens e adultos**. Petrópolis: Vozes, 2012.  
BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.  
CASTROGIOVANNI, A. C.; REGO, N.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011. v. 2.  
HAYDT, R. C. C. **Curso de didática geral**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.  
LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.  
PICONEZ, S. C. B. (Coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2007.  
PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.  
SILVA, S. P. da (Org.). **Teoria e prática na educação – o que dizem: novas tecnologias; currículo; inclusão; avaliação; história; estágio; psicologia; didática e antropologia filosófica?** Catalão: Ed. UFG, 2008.

### 3.3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO III (ENSINO MÉDIO)

**Período:** Sétimo

**Carga horária:** 100 h/a

**Ementa:** Fundamentação teórica e prática pedagógica de Geografia no ensino médio. Construção ou aperfeiçoamento da identidade profissional. Planejamento e desenvolvimento ativo de atividades educativas. Exercício prático dos elementos didáticos no processo de ensino-aprendizagem. Contatos com conteúdos programáticos e diretrizes metodológicas. Experiências com materiais didáticos e novas tecnologias. As tecnologias digitais de informação e comunicação na escola. Vivência no cotidiano escolar. Observação/participação, reflexão e proposições: desafios e possibilidades.

#### **Bibliografia básica:**

- BURIOLLA, M. A. F. **O estágio supervisionado**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.  
CARLOS, A. F. A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 1999.  
SILVA, L. C. da; MIRANDA, M. I. (Org.). **Estágio supervisionado e prática de ensino: desafios e possibilidades**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2008.

#### **Bibliografia complementar:**

- ANTUNES, C. **Geografia para a educação de jovens e adultos**. Petrópolis: Vozes, 2012.  
BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.  
CASTROGIOVANNI, A. C.; REGO, N.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011. v. 2.  
HAYDT, R. C. C. **Curso de didática geral**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.  
LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.  
PICONEZ, S. C. B. (Coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2007.  
PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.  
SILVA, S. P. da (Org.). **Teoria e prática na educação – o que dizem: novas tecnologias; currículo; inclusão; avaliação; história; estágio; psicologia; didática e antropologia filosófica?** Catalão: Ed. UFG, 2008.

### 3.4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV (ESPAÇO NÃO FORMAL)

**Período:** Oitavo

**Carga horária:** 100 h/a

**Ementa:** Vivência, observação e análise em instituições escolares: potencialidades de espaços não formais. Complementaridade entre o formal e o não formal. Espaço não formal como escopo de atuação do geógrafo-professor. Diagnóstico da realidade. Elaboração de projetos na

temática da Educação e Geografia. Gestão, execução e monitoramento de projetos ou atividades.

#### **Bibliografia básica:**

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOHN, M. G. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.

#### **Bibliografia complementar:**

FÁVERO, O. Educação não formal: contextos, percursos e sujeitos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 614-7, 2007.

FERNANDES, R. S. **Entre nós o sol**: relações entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não formal. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

PARK, M. B. et. al. (Org.). **Palavras-chave em educação não formal**. Holambra: Setembro, 2007.

TRILLA, Jaume. **La educación informal**. Barcelona: PPU, 1987.

\_\_\_\_\_. **La educación fuera de la escuela**: ámbitos no formales y educación social. Barcelona: Ariel, 1996.

## **4. AVALIAÇÕES**

Recomenda-se que a distribuição da pontuação seja considerando avaliações por parte do docente-orientador, do docente-supervisor e do relatório de estágio, considerando a participação tanto do professor-orientador quanto do professor-supervisor, além dos relatórios. O estudante-estagiário será considerado aprovado quando obtiver média superior a 60 (sessenta) pontos, sendo registrado no histórico escolar como satisfatório.

#### **Quadro 2 – Atividades e suas pontuações**

<b>Atividades de avaliação</b>	<b>Pontuação</b>
Professor orientador, pela instituição de ensino	Total de 100 pontos <60 = Insatisfatório ≥60 = Satisfatório
Professor supervisor, pela parte concedente	
Relatório parcial	
Relatório final	

Obs.: as duas primeiras atividades ficam a critério avaliativo dos professores responsáveis.

É fundamental que o Plano de Ensino do Estágio apresente cronograma com os prazos para o desenvolvimento das atividades de avaliação e de entrega dos documentos,

especialmente do Termo de Compromisso e do Plano de Atividades (estes, preferencialmente, sejam até o segundo mês).

## **5. DIRETRIZES DE ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DOS ESTÁGIOS**

### **5.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I**

O estágio supervisionado I, a ser realizado no âmbito da gestão escolar e ou da educação, tem por objetivo contribuir no desenvolvimento de competências e habilidades do licenciado na área de gestão da educação, de modo a formar um profissional da educação em sintonia com os princípios da gestão democrática e da construção de um projeto de educação nacional que implica na integração e articulação das políticas públicas, dos sistemas de ensino, e das relações de cooperação e colaboração entre os entes federados.

Deste modo, em atendimento à Resolução CNE/CP nº 02/2015, em seu artigo 8º, o estágio curricular supervisionado em gestão escolar visa contribuir para que o estudante-estagiário esteja apto nos itens indicados:

Art. 8º O(A) egresso(a) dos cursos de formação inicial em nível superior deverá, portanto, estar apto a:

I - atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária;

[...]

VI - promover e facilitar relações de cooperação entre a instituição educativa, a família e a comunidade;

VII - identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras;

VIII - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, de faixas geracionais, de classes sociais, religiosas, de necessidades especiais, de diversidade sexual, entre outras;

IX - atuar na gestão e organização das instituições de educação básica, planejando, executando, acompanhando e avaliando políticas, projetos e programas educacionais;

X - participar da gestão das instituições de educação básica, contribuindo para a elaboração, implementação, coordenação, acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico;

Deste modo, o estágio em gestão escolar contempla realização de 100 horas distribuídas em jornada com mínimo de quatro (04) horas diárias e o máximo de vinte (20) horas semanais, em ambientes diretamente relacionados com a gestão da educação e ou do sistema educacional, de instituições públicas ou privadas.

A realização do estágio será orientada pelo **Plano de Atividades**, a ser elaborado com a participação ativa do estudante-estagiário, do professor-orientador e do professor-supervisor (preferencialmente em algum cargo de gestão). O Plano de atividade deverá apresentar, em detalhe, a relação das atividades que serão desenvolvidas pelo estudante-estagiário com a respectiva indicação do tempo dedicado a cada uma delas.

Para o estágio em gestão escolar e ou da educação, é imprescindível que sejam contempladas as seguintes atividades (podendo ser incluídas outras):

- Observação e análise do ambiente de trabalho;
- Elaboração de Diagnóstico da Gestão Escolar/Educação (ou algum tema específico);
- Identificação e análise de projetos e políticas desenvolvidas pela concedente e que foram acompanhadas durante o estágio;
- Análise crítica das contribuições do estágio para a formação do/a geógrafo/a-professor/a;
- Elaboração do relatório final, contemplando todos os itens.

No Anexo I apresentamos roteiro proposto para a redação do Relatório de Estágio Supervisionado I.

## 5.2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO II E ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

No que cabe à formação do profissional de educação, conforme previsto na Lei nº. 11.788/08, em seu artigo 9º, podem oferecer estágio às pessoas jurídicas de direito privado e os órgãos da administração pública direta, autárquica e fundacional [...]. Deste modo, o estágio em ensino fundamental e o estágio em ensino médio podem ser realizado em instituições, públicas ou privadas, da educação básica de nível fundamental e médio. Deste modo, em atendimento à Resolução CNE/CP nº 02/2015, em seu artigo 8º, o estágio curricular supervisionado em ensino fundamental e ensino médio visa contribuir para que o estudante-estagiário esteja apto nos itens indicados:

I - atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária;

II - compreender o seu papel na formação dos estudantes da educação básica a partir de concepção ampla e contextualizada de ensino e processos de aprendizagem e desenvolvimento destes, incluindo aqueles que não tiveram oportunidade de escolarização na idade própria;

III - trabalhar na promoção da aprendizagem e do desenvolvimento de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano nas etapas e modalidades de educação básica;

IV - dominar os conteúdos específicos e pedagógicos e as abordagens teóricometodológicas do seu ensino, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano;

V - relacionar a linguagem dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento da aprendizagem;

VI - promover e facilitar relações de cooperação entre a instituição educativa, a família e a comunidade;

VII - identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras;

VIII - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, de faixas geracionais, de classes sociais, religiosas, de necessidades especiais, de diversidade sexual, entre outras;

[...]

XII - utilizar instrumentos de pesquisa adequados para a construção de conhecimentos pedagógicos e científicos, objetivando a reflexão sobre a própria prática e a discussão e disseminação desses conhecimentos;

XIII - estudar e compreender criticamente as Diretrizes Curriculares Nacionais, além de outras determinações legais, como componentes de formação fundamentais para o exercício do magistério.

Para a integralização curricular, o estudante-estagiário deverá cumprir 100 horas práticas em cada atividade acadêmica específica, por semestre. Recomenda-se que as atividades acadêmicas específicas sejam cursadas em semestres diferentes, evitando sobreposição. A carga horária pode ser distribuída conforme previsto pela Lei nº. 11.788/08:

Art. 10. A jornada de atividade em estágio será definida de comum acordo entre a instituição de ensino, a parte concedente e o aluno estagiário ou seu representante legal, devendo constar do termo de compromisso ser compatível com as atividades escolares e não ultrapassar:

I – 4 (quatro) horas diárias e 20 (vinte) horas semanais, no caso de estudantes de educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional de educação de jovens e adultos;

II – 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais, no caso de estudantes do ensino superior, da educação profissional de nível médio e do ensino médio regular.

A realização do estágio será orientada pelo **Plano de Atividades**, a ser elaborado entre o estudante-estagiário, o professor-orientador e o professor-supervisor. O Plano de atividade deverá apresentar, em detalhe, a relação das atividades que serão desenvolvidas pelo estudante-estagiário com a respectiva indicação do tempo dedicado a cada uma delas. Considera-se fundamental que a prática pedagógica do estudante-estagiário possa contemplar todas as etapas da sequência didática (por exemplo, se possível, desenvolver um tema e também realizar avaliação do mesmo com a turma).

Para o estágio no ensino fundamental e ensino médio, é imprescindível que sejam contempladas as seguintes atividades (podendo ser incluídas outras):

- Observação do ambiente escolar;
- Realização de diagnóstico da realidade escolar;
- Elaboração de planos de aula com execução da regência;

- Participação e ou proposição de projetos na escola (participação ou desenvolvimento de conteúdo educacional)
- Análise crítica das contribuições do estágio para a formação do/a geógrafo/a-professor/a;
- Elaboração do relatório final, contemplando todos os itens.

No Anexo II apresentamos roteiro proposto para a redação do Relatório de Estágio Supervisionado II e III, além dos documentos a serem incluídos.

### 5.3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV

Para Gadotti (2005) o direito à educação é, sobretudo, o direito de aprender e, para tal, não basta estar matriculado numa escola e, a partir desta provocação, lança discussão sobre a necessidade de compreendermos que a educação “ultrapassa os limites do ensino formal escolar e engloba as experiências de vida, e os processos de aprendizagem não formais, que desenvolvem autonomia da criança” (GADOTTI, 2005, p. 02). Deste modo, para o autor:

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de progressão. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem. [...].

Na educação não formal, a categoria **espaço** é tão importante como a categoria **tempo**. O tempo da aprendizagem na educação não formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação de seus múltiplos espaços (GADOTTI, 2005, p. 02-03 – grifo original).

Tomamos por princípio que os espaços não formais de educação também prescindem de organização e sistematização, embora possam apresentar relativa flexibilidade

na forma de condução e na distribuição do tempo de aprendizagem e dos espaços de realização. Essas características permitem que a educação não formal apresente grande pertinência na formação dos profissionais da educação, sobretudo na área de Geografia, tendo em vista as possibilidades e dimensões implicadas na análise e compreensão da produção do espaço geográfico. A inserção e uso de espaços não formais nos processos educativos (inclusive escolares) permite considerar outras dimensões e ou processos que muitas vezes estão alheios (ausentes) ao ambiente escolar, como escreve Gohn (2009, p. 31):

A educação não formal é uma área que o senso comum e a mídia usualmente não veem e não tratam como educação porque não são processos escolarizáveis. A educação não formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial, eletrônica, etc. **São processos de autoaprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações organizadas segundo os eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade, etc.**

A realização de estágio curricular supervisionado em espaços não formais busca oportunizar ao estudante-estagiário a vivência, ambientação, análise e sistematização de experiências vinculadas ao campo da educação, de modo a contribuir na sua formação de modo a atender o Artigo 8º da Resolução CNE/CP nº 02/2015, nos seguintes incisos:

Art. 8º O(A) egresso(a) dos cursos de formação inicial em nível superior deverá, portanto, estar apto a:

I - atuar com **ética e compromisso** com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária;

VI - **promover e facilitar relações de cooperação** entre a instituição educativa, a família e a comunidade;

VII - **identificar questões e problemas socioculturais e educacionais**, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras;

VIII - **demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças** de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, de faixas geracionais, de classes sociais, religiosas, de necessidades especiais, de diversidade sexual, entre outras;

Para tal, o estágio pode ser realizado em diferentes espaços e ou entidades, envolvidas com atividades de educação não formal, conforme exemplificam os autores:

As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas **organizações sociais**, nos **movimentos**, nos **programas de formação** sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. Elas estão no centro das **atividades das ONGs** nos programas de inclusão social, especialmente no campo das Artes, Educação e Cultura. [...] E as práticas não formais desenvolvem-se também no exercício de participação, nas **formas colegiadas e conselhos gestores institucionalizados de representantes da sociedade civil**. (GOHN, 2009, p. 32).

**A educação não formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática**, mas levada a efeito fora do sistema formal. [...] São múltiplos os espaços da educação não formal. Além das próprias escolas (onde pode ser oferecida educação não formal) temos as organizações não governamentais (também definidas em oposição ao governamental), as igrejas, os sindicatos, os partidos, a mídia, as associações de bairros, etc. Além das próprias escolas (onde pode ser oferecida educação não formal) temos as organizações não governamentais (também definidas em oposição ao governamental), as igrejas, os sindicatos, os partidos, a mídia, as associações de bairros, etc. (GADOTTI, 2005, p. 02-03).

Deste modo, o estágio curricular supervisionado em espaços não formais contempla realização de 100 horas, correspondendo ao semestre letivo em que o estudante está matriculado, distribuídas em jornada com mínimo de quatro (04) horas diárias e o máximo de vinte (20) horas semanais.

O estágio pode ser realizado em: organizações da sociedade civil (OSC) – entidades de direito privado com fins públicos, organizações não governamentais (ONGs) – organizações sem fins lucrativos, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) – iniciativa privada, movimentos sociais, sindicatos, associações, museus, parques, igrejas, partidos, mídia (Programas de Webtv etc.) e escolas com atividades não formais. O estágio deve ser presencial e é obrigatório participar de atividades com finalidade educativa, sobretudo vinculada à área de Geografia.

A realização do estágio curricular supervisionado em espaços não formais deverá ser orientada pelo **Plano de Atividades**, a ser elaborado entre o estudante-estagiário, o professor-orientador e o professor-supervisor (preferencialmente com atuação em ações educativas). O Plano de atividade deverá apresentar, em detalhe, a relação das atividades que serão desenvolvidas pelo estudante-estagiário com a respectiva indicação do tempo dedicado a cada uma delas.

Para o estágio em espaços não formais, é imprescindível que sejam contempladas as seguintes atividades (podendo ser incluídas outras):

- Observação e análise do ambiente de trabalho;
- Identificação e análise de projetos ou políticas educativas não formais desenvolvidas pela concedente e que foram acompanhadas durante o estágio;
- Análise crítica das contribuições do estágio para a formação do/a geógrafo/a-professor/a;
- Elaboração do relatório final, contemplando todos os itens.

No Anexo III apresentamos roteiro proposto para a redação do Relatório de Estágio Supervisionado IV, além dos documentos a serem incluídos.

## 6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6o da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília, DF, 2008.

CNE. **Parecer CNE-CP nº 02, de 09 de junho de 2015**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 09 de junho de 2015.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion, Suisse: Institut International des Droits de l'Enfant (IDE), 2005, p. 01-11.

GOHN, Maria da Gloria. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan./abr. 2009, p. 28-43.



Ministério da Educação  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Faculdade Interdisciplinar em Humanidades  
Curso de Graduação em Geografia-Licenciatura



## 7. ANEXOS

## **ANEXO I - ESTÁGIO SUPERVISIONADO I – GESTÃO ESCOLAR**

### Documentos:

Carta de Apresentação  
Termo de Compromisso,  
Plano de Atividades,  
Ficha de frequência,  
Formulário de avaliação da concedente,  
Formulário de avaliação do professor-supervisor.

### Roteiro para a redação do Relatório:

#### **Capa**

#### **Sumário**

#### **Introdução**

Objetivo  
Objetivos específicos  
Justificativa e importância

#### **1. Diagnóstico da Gestão Escolar e ou Gestão da Educação**

1.1. Contexto histórico e situação da Gestão Escolar: sistema e políticas

#### **2. Observação e participação**

2.1. Ambientação e observação da gestão escolar (projetos/políticas)

#### **3. A gestão escolar na formação do professor(a) de Geografia**

#### **Considerações finais**

#### **Referências**

#### **Anexos**

I. Carta de apresentação  
II. Termo de compromisso do estágio  
III. Plano de atividades  
IV. Ficha de frequência  
V. Formulário de avaliação da escola/supervisor  
VI. Atestado de conclusão e avaliação das atividades (em envelope lacrado)

## **ANEXO II - ESTÁGIO SUPERVISIONADO II (ENSINO FUNDAMENTAL) E ES III (ENSINO MÉDIO)**

### Documentos:

Carta de Apresentação  
Termo de Compromisso,  
Plano de Atividades,  
Ficha de observação de aulas,  
Ficha de participação em projetos,  
Planos de Aula,  
Ficha de frequência,  
Formulário de avaliação da escola,  
Formulário de avaliação do professor-supervisor.

### Roteiro para a redação do Relatório:

#### **Capa**

#### **Sumário**

#### **Introdução**

Objetivo  
Objetivos específicos  
Justificativa e importância

#### **1. Estágio supervisionado**

1.1. Geografia e ensino fundamental ou médio  
1.2. Educação em Minas Gerais ou no Alto Jequitinhonha e em Diamantina

#### **2. Diagnóstico da realidade escolar**

2.1. Contexto histórico e situação  
2.2. Projeto pedagógico, instrumentos didáticos e práticas de ensino

#### **3. Observação e participação**

3.1. Ambientação e observação da prática pedagógica (sala de aula)  
3.2. A participação das atividades na escola (projetos, eventos etc.)

#### **4. A prática pedagógica (regência)**

4.1. Contextualização da ação didática: contexto, planejamento, objetivos, metodologia e avaliação  
4.2. Análise crítica e avaliação da regência

#### **Considerações finais**

#### **Referências**

#### **Anexos**

I. Carta de apresentação  
II. Termo de compromisso do estágio  
III. Plano de atividades  
IV. Ficha de observação das aulas  
V. Ficha de participação em projetos  
VI. Plano de aula  
VII. Ficha de frequência  
VIII. Formulário de avaliação da escola/supervisor  
IX. Atestado de conclusão e avaliação das atividades (em envelope lacrado)

### **ANEXO III - ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV – ESPAÇOS NÃO FORMAIS**

#### Documentos:

Carta de Apresentação  
Termo de Compromisso,  
Plano de Atividades,  
Ficha de frequência,  
Formulário de avaliação da concedente,  
Formulário de avaliação do professor-supervisor.

#### Roteiro para a redação do Relatório:

##### **Capa**

##### **Sumário**

##### **Introdução**

Objetivo

Objetivos específicos

Justificativa e importância

##### **1. Análise do ambiente de trabalho**

1.1. Contexto histórico da concedente e situação, com foco nas atividades educativas em espaços não formais

##### **2. Observação e participação**

2.1. Ambientação e observação das atividades

##### **3. Os espaços não formais na formação e atuação do professor(a) de Geografia**

##### **Considerações finais**

##### **Referências**

##### **Anexos**

I. Carta de apresentação

II. Termo de compromisso do estágio

III. Plano de atividades

IV. Ficha de frequência

V. Formulário de avaliação da escola/supervisor

VI. Atestado de conclusão e avaliação das atividades (em envelope lacrado)



**ANEXO IV – CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Diamantina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**A Sua Senhoria,**

Diretor(a) da Escola

**Assunto:** apresentação do discente para o estágio supervisionado.

Prezado(a) Diretor(a),

Apresento o(a) discente \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, regularmente matriculado(a) no Curso de Graduação em Geografia-Licenciatura, da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, para o estágio supervisionado, conforme regulamentado pelo Manual de Estágio Supervisionado do Curso de Graduação em Geografia-Licenciatura, que dispõe sobre o estágio de estudantes. E esclareço que ele(a) deverá cumprir uma carga horária de \_\_\_\_\_, conforme Plano de Atividades em anexo.

Desde já, agradeço a atenção e disponho-me a esclarecimentos.

Atenciosamente,

---

**Professor(a) Orientador(a)**  
Faculdade Interdisciplinar em Humanidade  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri



#### **ANEXO V – TERMO DE COMPROMISSO**

Utilizar Termo de Compromisso de Estágio Supervisionado vigente, previsto na página da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD): <http://www.ufvjm.edu.br/prograd/convenios.html>



**ANEXO VI – PLANO DE ATIVIDADES**

(município), \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

**Estagiário:**

**Matrícula:**

**IDENTIFICAÇÃO**

Parte concedente:

Professor supervisor:

Contato:

**CRONOGRAMA DE ATIVIDADES**

Atividade	Carga horária		Período (de dia/mês a dia/mês)
	Semanal	Total	
<b>TOTAL</b>	<b>horas</b>	<b>horas</b>	

\_\_\_\_\_  
**Estagiário**

\_\_\_\_\_  
**Supervisor**

\_\_\_\_\_  
**Orientador**

## ANEXO VII – FICHA DE OBSERVAÇÃO DAS AULAS

### Escola:

Supervisor:

Data da observação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Série:

Turma:

Duração da aula: \_\_\_\_\_

### 1. Planejamento:

Percebeu-se a presença de objetivos previamente determinados? [ ] Sim [ ] Não

Notou-se a exigência de um planejamento? [ ] Sim [ ] Não

Conteúdo:

Tópicos principais:

### 2. Procedimentos:

O assunto foi introduzido por meio de:

[ ] exposição docente [ ] leitura [ ] perguntas dirigidas à turma [ ] outras estratégias - quais?

E o assunto foi desenvolvido por meio de:

[ ] exposição docente [ ] demonstração [ ] exposição interativa

[ ] dinâmica de grupo [ ] elaboração de atividades com a turma [ ] atividades sob a supervisão do professor [ ] outras estratégias - quais?

### 3. Recursos didáticos:

[ ] quadro de giz [ ] modelos [ ] material impresso [ ] cartazes  
[ ] gravações [ ] ilustrações [ ] álbum seriado [ ] projeções de [ ] slides [ ] filmes [ ]  
transparências  
[ ] outros - quais?

### 4. Envolvimento da turma:

[ ] excelente [ ] muito bom [ ] bom [ ] regular [ ] insuficiente

### 5. Professor:

Apresentou o conteúdo com dinamismo? [ ] Sim [ ] Não [ ] Em parte

Manteve bom relacionamento com a turma? [ ] Sim [ ] Não [ ] Em parte

Apresentou domínio de conteúdos? [ ] Sim [ ] Não [ ] Em parte

Explicou de maneira clara? [ ] Sim [ ] Não [ ] Em parte

Solicitou a participação de alunos? [ ] Sim [ ] Não [ ] Em parte

Tornou a explicar assim quando solicitado? [ ] Sim [ ] Não [ ] Em parte

Apresentou coerência com o projeto pedagógico? [ ] Sim [ ] Não [ ] Em parte

Justifique:

Apresentou coerência com o plano de ensino? [ ] Sim [ ] Não [ ] Em parte

Justifique:

### 6. Avaliação:

Houve preocupação, por parte do professor, em avaliar a atividade proposta? [ ] Sim [ ] Não

Pelo conhecimento dos objetivos, houve relação da avaliação com o observado? [ ] Sim [ ] Não [ ] Em parte

No caso de avaliação, foram empregados os seguintes instrumentos: [ ] avaliação oral [ ] teste escrito [ ] debate

[ ] elaboração de tarefas, exercícios ou trabalhos práticos [ ] outros - quais?

Registre o(s) aspecto(s) da aula que mais chamou(ram) sua atenção:

Se algum aluno despertou sua atenção de maneira especial, registre o fato.

Diamantina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Estagiário \_\_\_\_\_





### ANEXO VIII – FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

Estagiário:

Curso:

Matrícula:

Professor orientador:

Professor supervisor:

Escola/Local:

Itens a considerar	Sempre	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ajudei espontaneamente quando solicitado na elaboração de tarefas diversificadas?				
Auxiliei o corpo discente em seu crescimento e aperfeiçoamento?				
Avaliei minha participação pelos pontos positivos alcançados, em comparação de meu progresso antes e após cada etapa do estágio?				
Compareci pontualmente aos locais de estágio?				
Desempenhei cientemente os trabalhos de estágio, conforme as normas estabelecidas?				
Evitei causar problema ou embaraços que prejudicassem o trabalho de estágio?				
Organizei esquemas ou sugeri ideias para um planejamento eficiente a minha atuação?				
Procurei conciliar meu ponto de vista com diferentes opiniões entre os membros de grupos onde estagiei?				
Registre, na ocasião oportuna, os pontos relevantes de minha observação e participação durante o estágio?				
Solicitei esclarecimentos sempre que tive dúvidas sobre os problemas administrativos e pedagógicos?				

De acordo com a avaliação realizada, considero meu estágio

\_\_\_\_\_.

Diamantina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Estagiário





**ANEXO X – ATESTADO DE CONCLUSÃO E AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES**

Declaramos que o(a) discente \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, regularmente matriculado(a) na Licenciatura em Geografia, da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, realizou o estágio supervisionado na \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ a \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

E atestamos que o(a) mesmo(a) cumpriu a carga horária de \_\_\_\_ h, em \_\_\_\_\_, distribuída e avaliada da seguinte forma:

Atividade	Carga horária	
	Obrigatória	Cumprida
<b>TOTAL</b>	<b>100h</b>	

O estagiário alcançou as metas previstas no plano de atividades?	Sim	Não	Parcial-mente	Fatores que contribuíram para tal avaliação:
Nota atribuída ao estagiário de 0 a 100 (peso 25).	<b>Nota:</b>			

Diamantina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
**Supervisor**

\_\_\_\_\_  
**Diretor**





Ministério da Educação

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Faculdade Interdisciplinar em Humanidades

Curso de Graduação em Geografia-Licenciatura

## **DIRETRIZES PARA AS PRÁTICAS DE ENSINO EM GEOGRAFIA**

### **1. Princípios das Práticas de Ensino**

O curso de graduação em Geografia-Licenciatura foi concebido, de modo que o(a) discente possa construir, desde início do curso, uma identidade própria enquanto profissional da educação (professor) e suas possibilidades de atuação e inserção cidadã no mundo do trabalho. E, para tal, as práticas de ensino e os estágios, além da participação em projetos de ensino, pesquisa e de extensão são de fundamental importância.

Deste modo, a prática de ensino como componente curricular (PCC) estará contemplada em unidades curriculares denominadas no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Geografia como “Prática de Ensino (PE)”, que terão carga horária total de 400 horas, com objetivo de articular, a partir de uma abordagem interdisciplinar, os campos da Geografia e Educação, a universidade e o ambiente escolar considerando como possibilidades a realização de atividades de ensino, de pesquisa e de extensão.

Objetivamente, as práticas estão organizadas em quatro eixos temáticos a saber: **PE Educação e Natureza; PE Educação e Sociedade; PE Trabalho de Campo; e PE Vale do Jequitinhonha**. Conforme proposto, as práticas de ensino terão potencial de ultrapassar o caráter técnico e prático, de opções para “aplicação” de determinados conhecimentos tanto de cunho específico (conteúdos da geografia) quanto de caráter educacional.

Assim, as unidades curriculares de PE previstas no PPC valorizam e buscam efetivar o exercício da interdisciplinaridade, da reflexão e da articulação entre os conhecimentos acadêmico-científicos e os conhecimentos do campo da educação e escolares.

Cada uma das UCs de PE será conduzida por um docente, cabendo ao discente construir a partir de diferentes linguagens, práticas de natureza variada visando um melhor desenvolvimento do conhecimento ao qual a unidade curricular se vincula e que possam ser

empregados no ambiente escolar, no seu entorno ou em outros espaços vinculados a projetos educativos.

Ao final de cada semestre letivo, haverá um momento de socialização de experiências das UCs de PE, momento no qual as turmas realizarão eventos do curso com o intuito de apresentar os conteúdos e produtos desenvolvidos a partir da articulação interdisciplinar por período e entre as unidades curriculares do curso. Este evento poderá ser realizado em diferentes modalidades (como minicursos, oficinas, feiras, exposições, eventos como Universidade Aberta – que objetivam receber alunos do ensino básico ou outros grupos, dentre outras atividades).

Por meio destas UCs, o curso de graduação em geografia–licenciatura deverá promover uma aproximação da Universidade com as comunidades escolares e com os espaços não formais de educação. Assim, nosso objetivo é construir uma ponte permanente entre Universidade e Sociedade, de via dupla.

Deste modo, o curso apresenta uma proposta de prática como componente curricular que tem por intuito superar uma visão do papel reducionista na formação docente, uma vez que esta busca transcender, definitivamente, a ideia de prática como “treinamento do fazer” (FRANCO, 2008). O “colocar em prática” pode ser lido, também, como o esforço de uma transposição didática de conteúdos do campo científico-disciplinar, ou, como expressa Silvestre (2011, p. 853) ao analisar caso específico, a prática de ensino “[...] como um momento de aplicação de métodos e técnicas”. Embora tenha sido assim que a prática de ensino se objetivou historicamente nas unidades curriculares de cursos de licenciatura, seu papel pode ser mais efetivo, pois é o espaço-tempo que permite explorar criatividade, inovação, estímulo à habilidade de relacionar, de olhar atento e observador para a realidade, articular referencial teórico com a empiria, a produção e a invenção. Permite, também, constituir-se como um espaço-tempo de vivência e compromisso com os princípios da democracia, a solidariedade, o trabalho coletivo, os bens e interesses públicos, por fim, com a formação cidadã, ativa e altiva no mundo.

Ademais, as pedagogias críticas trouxeram elementos indispensáveis para um movimento de renovação das práticas de ensino de Geografia, buscando a formação de sujeitos críticos e autônomos com base na problematização dos conceitos voltada para a transformação social.

Apesar do movimento de renovação da Geografia e do ensino de Geografia nas últimas décadas, sobretudo com a disseminação de estudos no âmbito da geografia crítica, concepções tradicionalistas e ultrapassadas ainda estão fortemente presentes nas escolas.

Infelizmente, os métodos de ensino mais democráticos e inovadores continuam distantes de parte expressiva das escolas do país (PONTUSCHKA, 1999; ZANATTA, 2010). No geral, existe a coexistência de várias tendências pedagógicas e concepções teórico-metodológicas de ensino de Geografia nas escolas (ZANATTA, 2010; GATTI, 2016).

Na maioria das vezes, o ensino tradicional de Geografia definitivamente não funciona para a formação crítica dos licenciandos em situação de vulnerabilidade social. Além de ineficaz, o ensino tradicional massacra por focar demasiadamente nas incapacidades do discente, buscando apenas o que este não consegue oferecer, ampliando a retenção e a evasão. Cabe ao professor buscar alternativas que valorizem as habilidades do discente e, também, seu contexto social, partindo daquilo que o mesmo pode oferecer de melhor no ambiente escolar (FREIRE, 1996), sendo as PEs uma ferramenta fundamental para tal valorização, haja vista que as mesmas podem auxiliar no desenvolvimento de novas habilidades, melhorando por consequência o processo de ensino aprendizagem. A vivência na elaboração de PEs pode contribuir significativamente para a melhoria da educação nas escolas básicas no país, sobretudo em regiões de grande vulnerabilidade social.

## **2. Espaços educativos para realização das práticas**

A construção das relações entre o curso de geografia da UFVJM e os espaços educacionais formais e não formais serão concretizados ao longo da realização das práticas. Inicialmente identificamos que os grupos de estudos e projetos de ensino, pesquisa e extensão já existentes e vinculados aos professores do curso podem se constituir em espaços privilegiados para este desenvolvimento:

a) **Geociências, Arte, Interdisciplinaridade e Ambiente (GAIA)** - Localizado no campus I, o GAIA recebe visitas de alunos da educação básica e tem como missão integrar pesquisa e extensão universitária, trabalhando o conhecimento científico de forma artística e lúdica em Geociências e suas interfaces diretas com a Geografia, Ciências e demais áreas de conhecimento para o ensino fundamental e médio. Neste sentido, poderão ser desenvolvidas Práticas de Ensino envolvendo arte, organização de exposições, trabalhos relacionados ao Tempo Geológico e outros temas das Geociências. Assim sendo, este é um ambiente relevante ao curso e por esta razão, é de fundamental importância a permanência da sua estrutura física disponível ao curso de geografia.

b) **Laboratório de produção de conteúdos educacionais (L@PROCE)** - Está voltado para produção de conteúdos educacionais, especialmente no formato digital, para serem utilizados na educação básica e no ensino superior. Tal espaço possibilita práticas de ensino envolvendo tecnologias digitais, jogos, experimentos, maquetes e outros conteúdos educacionais.

c) **Grupo de estudo em Ecologia e Biogeografia do Espinhaço (GEEBE)** – Apoiar pesquisas e discussões sobre temáticas ligadas a relações ecológicas e fitogeográficas, sendo este um ambiente privilegiado para elaboração de práticas de ensino que valorizem as espécies e formas vegetais presentes na Serra do Espinhaço e a suas utilidades para aqueles que se propõem a conhecê-las, podendo essas práticas apresentarem tanto o caráter extensionista quanto científico.

d) **Grupo de Pesquisa Geografia Humanista, Arte e Psicologia Fenomenológica (GHUAPO)**<sup>1</sup> – Este grupo pode apoiar a construção de práticas de ensino voltadas para Geografia Humanista, especialmente para a área da fenomenologia e sob um enfoque cultural, onde a relação natureza e sociedade são refletidas como fenômenos resultantes das experiências oriundas da realidade dos alunos/discentes e das relações presentes no cotidiano da escola.

e) **Laboratório de Estudos Urbanos / Regionais e de práticas pedagógicas (LAUR+)** – Neste espaço poderão ser construídas práticas de ensino que envolvam o estudo sobre o espaço urbano a partir de metadados obtidos de fontes oficiais como exemplo, IBGE, Fundação João Pinheiro. O LAUR+ desenvolve o Projeto Geografia em Comunidade, que tem como principal objetivo estabelecer laços duradouros de parceria entre Universidade e Comunidade. Desta forma, possibilita a criação de práticas de ensino extensionistas e integradas com os anseios da comunidade, em especial a comunidade escolar da educação básica. Ainda, o LAUR+ desenvolve projetos que utilizam TDICs, com destaque para o Canal Descomplicado. Trata-se de uma plataforma gratuita (YouTube) para o compartilhamento de conhecimento e divulgação científica.

---

<sup>1</sup> Registro CNPq: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1667906396809837](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1667906396809837)

f) **Laboratório de Arqueologia e Estudos da Paisagem (LAEP)** – Realiza pesquisas arqueológicas e atividades extensionistas e científicas voltadas para a educação patrimonial. As práticas de ensino desenvolvidas neste espaço podem contribuir para promoção da diversidade cultural e arqueológica da região onde o curso de geografia está inserido.

g) **Laboratório de Estudos sobre População, Espaço e Ambiente (LPA)** – Este espaço pode contribuir na construção de práticas que exploram o geoprocessamento enquanto ferramenta para o raciocínio geográfico.

h) **Observatório dos Vales e do Semiárido Mineiro**<sup>2</sup> - Grupo interdisciplinar de pesquisa, ensino e extensão com foco nos estudos agrários, movimentos sociais, educação popular, agroecologia, políticas públicas, questão energética e desenvolvimento. Tem potencial de contribuir no processo de formação dos geógrafos-licenciados a partir de projetos com inserção regional, cujo eixo transversal é focado nos diferentes espaços educativos (de escolas à iniciativas da educação popular, não formal).

i) **Núcleo de Pesquisa, Estudos e Extensão em Saúde Coletiva (NUPEESC)**<sup>3</sup> – a saúde coletiva é entendida campo um interdisciplinar de pesquisas. Na UFVJM, um grupo de professores de diversos departamentos (Geografia, Enfermagem, Medicina, Odontologia, Educação Física, entre outros), criou o NUPEESC com a finalidade de desenvolver estudos, pesquisas e ações de extensão nesta área do conhecimento, com foco no entendimento do perfil epidemiológico da população e no mapeamento das desigualdades sociais em saúde presentes no Vale do Jequitinhonha. O grupo tem realizado eventos regulares, como a Mostra de Saúde Coletiva da UFVJM, está organizando o livro “Saúde no Vale do Jequitinhonha” e vem promovendo ações de formação continuada a profissionais da saúde local e de extensão com toda a comunidade. A Geografia colabora, entre outros, nas ações extensionistas e nos estudos sobre meio ambiente e saúde, demografia e exclusão social.

Além destes espaços, diagnosticamos que há necessidade da existência de um espaço físico do curso de Geografia que seja destinado exclusivamente para o planejamento, elaboração e aplicação das PE (sendo este até o momento inexistente). Este espaço também se

---

<sup>2</sup> Registro CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6690508911150481>

<sup>3</sup> Registro CNPq: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3532471590703629](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3532471590703629)

destinaria a realização de oficinas e, ou minicursos para os discentes do curso e para o público em geral, incentivando a participação dos docentes do ensino básico e que envolvam temáticas relevantes ao curso de geografia. Como exemplos de oficinas, podemos citar: Planejamento e elaboração de maquetes, Geotintas; Produção audiovisual, Organização e execução de aulas de campo, dentre outras.

### **3. Temporalidade das práticas educativas**

As PEs, sempre que possível, estarão vinculados a projetos de longa duração estabelecidos entre o curso e os espaços formais e não formais de ensino. Por exemplo, no projeto Geografia em Comunidade ou no Projeto GAIA os discentes são convidados a construir PEs continuamente, buscando assim novas estratégias para o efetivo ensino da Geografia.

Para organização entre os docentes das disciplinas de PE, será elaborado um plano de trabalho semestral para viabilizar uma melhor execução e divulgação dos eventos gerados a partir das práticas. Por exemplo, a cada semestre as PEs podem voltar-se para um objetivo específico e o formato das atividades, como uma exposição, um workshop ou uma feira de ciências. Sendo esta definição realizada sempre ao final do semestre anterior, com a inclusão de um momento para a realização de uma avaliação sobre as proposições geradas pelas práticas, e com isso avaliar a efetividade e relevância destas, assim como, sugerir melhorias nos aspectos que não foram bem avaliados.

### **4. A interdisciplinaridade e as PE's**

As práticas de ensino devem acontecer de forma integrada aos conteúdos próprios da Geografia e as temáticas da educação, até mesmo com conteúdos de outras licenciaturas. Elas podem contribuir para que os futuros professores possam ao longo da graduação simular projetos interdisciplinares com outras disciplinas da educação básica, como português, matemática ou ciências. Ao construir uma prática de ensino voltada para o tema educação e natureza, a integração com o conteúdo de Ciências, Biologia, Química e Física pode ser uma oportunidade para ampliação de conceitos e de aprendizagem.

O trabalho isolado do professor deve ser substituído por práticas que exijam a cooperação e colaboração entre todos os docentes de uma determinada etapa da educação básica e superior. Dessa forma, estimular a interdisciplinaridade durante a construção e execução das práticas pode representar uma inovação educacional.

Essa interdisciplinaridade também deve ser construída entre os quatro eixos das práticas de ensino propostas no PPC do curso de graduação em Geografia-Licenciatura da UFVJM, onde a transversalidade entre as propostas estará presente por meio dos conceitos geográficos que serão trabalhados nas PCC's.

### **Referências Bibliográficas**

FRANCO, M. A. S. Entre a lógica da formação e a lógica das práticas: a mediação dos saberes pedagógicos. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 109-126, jan./abr. 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PONTUSCHKA, N. N. **A geografia: pesquisa e ensino**. Novos caminhos da geografia. São Paulo: Contexto, p. 111-137, 1999.

SILVESTRE, M. A. Prática de ensino e estágios supervisionados: da observação de modelos à aprendizagem da docência. **Revista Diálogo Educacional**, v. 11, n. 34, p. 835-861, 2011.

ZANATTA, B. A. As referências teóricas da Geografia Escolar e sua presença na investigação sobre as práticas de ensino. **Educativa**, v. 13, n. 2, p. 285- 310. 2010.



Ministério da Educação  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Faculdade Interdisciplinar em Humanidades  
Curso de Graduação em Geografia-Licenciatura

## **PROGRAMA DE EXTENSÃO GEOGRAFIA E SOCIEDADE**

### **1. Introdução**

As universidades brasileiras têm a atribuição de desenvolver atividades e projetos de extensão, conforme o Artigo 207 da Constituição Federal de 1988. A partir da Lei nº. 10.172/2001 tornou obrigatória a creditação da extensão por parte dos cursos superiores. Esta inovação na legislação objetivou fomentar a articulação entre ensino, pesquisa e extensão no âmbito da Universidade pública no percurso formativo do discente. Nesse sentido, a legislação passou a recomendar que os cursos de graduação atendam ao mínimo de 10% de atividades de extensão, não podendo implicar em acréscimo de carga horária.

Conforme a legislação, a realização da extensão, nos cursos, deverá estar articulada ao longo da formação do discente, via atividades realizadas nas unidades curriculares, na participação e organização de eventos, cursos etc. sendo vedado uso de créditos de visitas técnicas, de estágio supervisionado e, com expresso cuidado para não sobreposição com créditos das atividades acadêmico científico-culturais.

Deste modo, a extensão é processo educativo, artístico, cultural e científico, articulado com o ensino e a pesquisa e que atende público externo. A construção do conhecimento se faz em qualquer ambiente, mas a universidade integra com destaque esses sítios devido a convivência de promover dia-a-dia o desenvolvimento humano, científico-tecnológico e social.

Desde sua criação, em 2012, o Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura realiza inúmeras ações de extensão (projetos, eventos, cursos etc.) por meio de docentes em várias subáreas de conhecimento da Geografia articulados com o cotidiano de comunidades e

especialmente do público escolar, orientados inclusive, pela integração entre as dimensões de ensino, pesquisa e extensão.

## 2. Concepções e Princípios

O programa de extensão vinculado ao Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura tem por base a Política de Extensão da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), apresentada na Resolução CONSEPE nº. 06/2009 que, por sua vez, atende ao Plano Nacional de Extensão (PNE) lançado em 1999.

Conforme a Política de Extensão da UFVJM (2009, p. 02), a plataforma política da extensão universitária indica como princípios básicos:

- A ciência, a arte e a tecnologia devem alicerçar-se nas prioridades locais, regionais e nacionais;
- A universidade não pode se imaginar proprietária de um saber pronto e acabado, que vai ser oferecido à sociedade, mas, ao contrário, exatamente porque participa dessa sociedade, a instituição deve estar sensível a seus problemas e apelos, quer através dos grupos sociais com os quais interage, quer através das questões que surgem de suas atividades próprias de ensino, pesquisa e extensão;
- A universidade deve participar dos movimentos sociais, priorizando ações que visem à superação das atuais condições de desigualdade e exclusão existentes no Brasil;

Além disso, a Política de Extensão da UFVJM (2009, p. 03 – grifos nossos) indica como visão de extensão:

A visão de extensão, para além de sua compreensão tradicional, de disseminação de conhecimento, prestações de serviços e realização de eventos, **traz uma relação contínua e perene com a sociedade**, relação esta que possibilita uma oxigenação a vida acadêmica. Nessa perspectiva, a produção do conhecimento via extensão **se faz na troca de saberes sistematizado, acadêmico e popular**, que, por sua vez, possibilita a **democratização do conhecimento com a participação da comunidade**. Por este motivo, é recorrente dizer que a extensão é uma via de mão dupla em que a comunidade acadêmica elabora na práxis um saber e, no retorno, a universidade, submetida à reflexão teórica, será acrescida do conhecimento acadêmico. Esta dinâmica de troca de saberes acadêmico e popular tem como consequência a produção de conhecimento científico, tecnológico, artístico e filosófico, emanada com a realidade brasileira e regional, portanto, contextualizada.

### **3. Objetivos Gerais**

Promover ações e integração entre ensino, pesquisa e extensão por meio da produção e divulgação científica de conhecimentos e saberes sistematizados.

#### **3.1. Específicos**

- Orientar execução de ações de extensão que permitam aos estudantes do curso de geografia a integralização curricular no que tange a creditação de extensão;
- Promover ações de extensão envolvendo produção de conhecimento na área de Geografia focando na promoção de inclusão social;
- Integrar as práticas universitárias de pesquisa de modo a alcançar o interesse dos discentes na transmissão de conhecimento para o público geral, reduzindo as distâncias entre a academia e a sociedade;
- Ampliar a visão externa para as ações e informações da comunidade acadêmica, gerando novas perspectivas, práticas e desenvolvimento para a sociedade;
- Oferecer aos discentes a oportunidade de participar e de promover ações de extensão universitária, com finalidade didático-pedagógica e de divulgação científica, moderado por docentes e pesquisadores;
- Disseminar as informações geradas pelo Curso de Geografia em prol de uma sociedade aberta a desenvolver seus conceitos e preencher lacunas;
- Estimular estudantes, docentes e técnicos na realização de ações de extensão com comunidades, visando a produção de conhecimentos via extensão comprometida com a troca de saberes sistematizados;

#### **4. Ações que podem compor programa**

- Exposições permanentes e provisórias;
- Ações e eventos de divulgação e popularização da ciência;
- Workshops e cursos de treinamento e capacitação;
- Projetos em andamento e novos projetos de professores e técnicos vinculados à Geografia;
- A geografia de portas abertas – ação para recepção de estudantes vinculados à educação básica e ou outros grupos relacionados ao campo da educação;
- Atividades
- Outras ações, a serem apreciadas pelo Colegiado do Curso;

## 5. Organização

O Programa de Extensão do Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura será conduzido por uma Equipe composta por, ao menos, dois professores, um técnico e dois discentes, com atribuição de até dois anos. Um dos professores será indicado pelo colegiado do curso como coordenador do Programa. Entre os docentes, recomenda-se que haja participação do vice-coordenador pelas atribuições legais referentes à creditação da extensão.

A equipe deverá apresentar propostas de ações de extensão, envolvendo sobretudo os discentes do curso de Geografia, abertas à participação da comunidade universitária, que totalizem o mínimo de 50 horas-extensão para cada semestre letivo.

### 5.1. Responsabilidades

Os estudantes, docentes e técnicos integrantes da equipe do Programa de Extensão Geografia e Sociedade tem atribuição de realizar a avaliação, planejamento e proposição de ações de extensão, bem como sua ampla divulgação junto ao público envolvido.

O coordenador deverá conduzir o acesso e a participação dos estudantes vinculados ao curso de Geografia aos projetos de extensão coordenados por professores do curso ou por professores externos.

Os técnicos vinculados aos projetos deverão participar da formulação das iniciativas, do acompanhamento dos projetos e ações e da implementação de ações.

Os estudantes vinculados ao programa de extensão deverão buscar ideias e opiniões junto à classe discente, além de acompanhar, participar e avaliar as ações desenvolvidas.

## 6. Metas

<b>Prazo</b>	<b>Meta</b>	<b>Impacto</b>
Curto	Promover, produzir e reproduzir conhecimento na área de Geografia, focando na promoção de inclusão social;	Direto
Longo	Ampliar a visão externa para as ações e informações da comunidade acadêmica, gerando novas perspectivas, práticas e desenvolvimento para a sociedade;	Direto
Longo	Integrar as práticas universitárias de pesquisa de modo a acender o interesse dos discentes na transmissão de conhecimento para o público geral, reduzindo as distâncias entre a academia e a sociedade por meio de práticas tradicionais e de novas tecnologias;	Direto
Curto	Oferecer aos discentes a oportunidade de promover extensão universitária em ambiente didático-pedagógico moderado por docentes e pesquisadores;	Direto

## **7. Metodologia**

As ações e estratégias de ensino-aprendizagem aqui estabelecidas para as ações de extensão universitária estão centradas no conceito de Troca de Saberes que prima na construção mútua do conhecimento com abordagem pluridisciplinar e na valorização de ambos os lados relacionados no ambiente pedagógico da construção de conhecimentos esteados em conceitos da literatura científica junto à vivência do público leigo (FREIRE, 1983; MELLO et al., 2005).

Do ponto de vista de operacionalização, a considerar a articulação do corpo docente, o curso passará a instituir e registrar junto a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) o Programa de Extensão Geografia e Sociedade que envolverá todo corpo docente, técnico administrativo e discente. O programa receberá normativas específicas, sendo conduzido por uma comissão com vigência bianual e que terá por função estabelecer o planejamento de ações, de modo a envolver o entorno comunitário e ou as áreas de influência da UFVJM.

A comissão terá função de elaborar proposição de Planos Plurianuais com duração de dois anos (com vistas a estabelecer políticas internas, objetivos, metas de ações e planejamento de execução), que serão discutidos com o coletivo, devendo ser apreciados e aprovados no Colegiado. A existência de uma comissão para formulação e acompanhamento do programa de extensão é fundamental, tanto para viabilização desta proposição quanto para que os discentes possam organizar-se na participação das atividades e na solicitação da acreditação das iniciativas.

As principais diretrizes deste programa estarão alinhadas com as concepções mais aceitas e recomendadas sobre a natureza das atividades de extensão universitária, buscando uma perspectiva enriquecedora e socialmente relevante. Nas últimas décadas, a forma com que as universidades públicas brasileiras trabalham a extensão universitária passou por constantes ressignificações. Segundo Serrano (2012, p. 01), as universidades partiram da “extensão cursos, à extensão serviço, à extensão assistencial, à extensão redentora da função social da universidade, à extensão como mão dupla entre universidade e sociedade”. Diante disso, o presente programa buscará incentivar práticas de extensão que valorizem o diálogo e a troca de experiências entre universidade e comunidade.

O programa de extensão não deverá estar limitado apenas às atividades desenvolvidas por professores de geografia. Também, haverá ações para a promoção da participação dos estudantes de Licenciatura em Geografia em atividades extensionistas

conduzidas por professores externos, de forma a expandir o leque de possibilidades e de oportunidades.

### **7.1 Exposições permanentes e provisórias**

O intuito deste modelo se permeia na facilitação da sociedade na obtenção do conhecimento, bem como atuará no despertar do interesse do público nas áreas de conhecimento em Geografia, principalmente voltado para crianças e jovens, mas sem excluir o público adulto.

### **7.2 Ações e eventos de divulgação e popularização da ciência**

A equipe do programa de extensão fomentará ações de divulgação científica, articulando o conhecimento técnico desenvolvido no âmbito do curso de Licenciatura em Geografia com as demandas e os anseios das comunidades. O programa incentivará atividades que utilizam tanto as mídias tradicionais (rádio universitária, televisão etc.) quanto às novas TDICs, a exemplo das plataformas virtuais de vídeo, *podcasts*, dentre outras tecnologias.

Ocorrerá, por meio de organização rotineira semestrais, eventos de divulgação científica à população em geral, como exposições, mostras e feiras, palestras de interesse geral, programas de capacitação tanto para usuários em geral, como para pessoas que trabalhem na curadoria de coleções científicas. O curso já promoveu a I e II Semana de Geografia da UFVJM, e continuará promovendo este evento, que se concretiza enquanto um espaço de articulação das dimensões de ensino, pesquisa e extensão.

### **7.3 Workshops e cursos de treinamento e capacitação**

Os docentes, discentes e técnicos administrativo participantes do programa de extensão deverão promover cursos de capacitação, visando a formação continuada de professores e a aproximação de membros da comunidade acadêmica, de profissionais das redes pública e privada de ensino, além de outras categorias profissionais vinculada ao campo da Geografia e da Educação.

### **7.4 Projetos vinculados à Geografia**

A equipe do programa de extensão irá listar e acompanhar os projetos perenes e esporádicos já existentes, buscando fomentar e integrar estas iniciativas com ações de extensão, contribuindo na concretização da visão de extensão indicada pela Resolução

CONSEPE nº. 06/2009, sobretudo no que tange a “dinâmica de troca de saberes acadêmico e popular tem como consequência a produção de conhecimento científico, tecnológico, artístico e filosófico, emanada com a realidade brasileira e regional, portanto, contextualizada”.

### **7.5 A Geografia de portas abertas**

Nesta abordagem, serão promovidas ações envolvendo visitação aos espaços da UFVJM e, em especial, do curso de Geografia, monitoradas por discentes vinculados ao Programa de Extensão Universitária.

Estas ações tem por finalidade uma aproximação entre o ambiente acadêmico-científico e a realidade das comunidades, escolas etc. contribuindo tanto para a divulgação científica quanto para o estímulo ao interesse pelo ensino superior. Trata-se, também, de uma oportunidade para divulgação das ações e vinculados ao curso. A visita trará cunho educativo e será adotada a metodologia de construção de conhecimento.

Ainda, pretende-se promover uma interação com a comunidade externa por meio de redes sociais e de novas mídias para a divulgação do curso, das atividades do curso e de conhecimento científico produzido por discentes e servidores ligados ao curso.

### **8. Cronograma de Execução**

O cronograma das atividades a serem executadas são definidas anualmente, visto que algumas ações são rotineiras e outras são eventuais ou mesmo pontuais.

<b>Evento</b>	<b>1º Trimestre</b>	<b>2º Trimestre</b>	<b>3º Trimestre</b>	<b>4º Trimestre</b>
Cursos de capacitação				X
Educação Ambiental	X	X	X	X
Exposições itinerantes			X	X
Exposições permanentes	X	X	X	X
Geografia de Portas Abertas	x	x	x	x
Mostras, Feiras, Workshops	X	X	X	X
Palestras	X	X	X	X

### **9. Orçamento**

O custeio destas atividades será realizado por meio de recursos do Curso de Geografia, ou de recursos adicionais proveniente de órgãos de fomento, de patrocinadores e ou contribuição de projetos vinculados aos docentes do Curso. Serão, ainda, enviados projetos específicos nos editais da PROEXC/UFVJM e outros editais vinculados à captação de recursos.

**Recomenda-se que a UFVJM priorize a descentralização orçamentária e administrativa bem como a viabilização de recursos para as atividades que envolvam a creditação da extensão, pois trata-se de um componente curricular obrigatório em todos os cursos de graduação.**

## **10. Acompanhamento e Avaliação**

O acompanhamento do planejamento e da execução das atividades deste programa será feito por meio de reuniões periódicas (preferencialmente trimestrais) da equipe envolvida. Nestas reuniões, as atividades finalizadas e em andamento deverão ser avaliadas, buscando identificar experiências de sucesso que deverão ser replicadas e, também, problemas potenciais, que deverão ser sanados com o apoio de toda a equipe.

## **Referências Bibliográficas**

AMBIENTE BRASIL. **Educação Ambiental**. Disponível em: [http://ambientes.ambientebrasil.com.br/educacao/educacao\\_ambiental/educacao\\_ambiental.html](http://ambientes.ambientebrasil.com.br/educacao/educacao_ambiental/educacao_ambiental.html). Acesso em: 05/04/2015.

AMORIM FILHO, O. B. A. Literatura de exploração e aventuras: As viagens extraordinárias de Júlio Verne. **Sociedade & Natureza**, 20 (2): 107-119, 2008.

BARBOSA, W. A e RIBEIRO, S. S. Saberes Agroecológicos: entrelaçando o popular e o científico. **Revista Ação Ambiental**. Ano VIII, nº 31, 2005.

BRASIL. **Lei nº. 10.172, de 09 de janeiro de 2001** - Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Jan. 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1983.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na Educação**. Campinas: Papirus, 1995. 107p.

MELLO, E. F.; PINHEIRO, K. F.; BHERING, M. S. Instalação Pedagógica Educação do Campo. **IV Troca de Saberes**, Viçosa/MG, 2012.

SERRANO, R. M. S. M. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire**, 2012. Disponível em: [http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos\\_de\\_extensao\\_universitaria.pdf](http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf).

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI – UFVJM. **Resolução CONSEPE nº. 06/2009** - Aprova a Política de Extensão da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, abr. 2009.



## **PLANO DE TRANSIÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - LICENCIATURA**

A partir das discussões do Núcleo Docente Estruturante e do Colegiado de Curso, apresentamos o plano de transição do curso de graduação em Geografia-Licenciatura incluindo ajustes e estratégias para garantir o percurso formativo dos estudantes. Importante considerar, também, a especificidade da estrutura curricular do PPC 2012 em que a Geografia figurava como terminalidade do BHU. Assim, este plano, tem com a reestruturação do curso e trata-se de um documento complementar ao PPC de Geografia, publicado em 2018 e vigente a partir do semestre letivo de 2018/2.

A partir do segundo semestre de 2018 (2018/2) o curso de Geografia passa a receber estudantes tanto por entrada direta, quanto pela transição via BHU ou, ainda, por editais específicos de reopção de curso ou de obtenção de novo título, conforme segue:

### **1. Ingresso no Curso de Graduação em Geografia-Licenciatura**

- Oferta semestral de 35 vagas para ingresso de estudantes, sendo:

- Ingresso via processo seletivo: 25 estudantes;
- Ingresso via transição do BHU: 10 estudantes;

A reserva de 10 vagas para a transição justifica-se por: 1) há um histórico no curso que é de ingresso inferior a 15 discentes, por semestre; 2) reserva de vagas, sem ingressantes, incorre em vagas ociosas; 3) não há garantia de que haja interesse, efetivo, incorrendo no risco de vagas ociosas; 4) caso haja demanda maior que as 10 vagas, o curso se propõe a elaborar um processo de ingresso que priorize aqueles com maior quantidade de unidades curriculares já cursadas, na área de Geografia.

A reserva de vagas para a transição será garantida até 2021/2, considerando a expectativa de conclusão de curso dos estudantes ingressantes no BHU até 2018/1. Casos subsequentes poderão ingressar no curso via obtenção de novo título.

### **2. Estudantes veteranos**

Todos os estudantes com matrícula e vínculo no curso de Geografia-Licenciatura, anterior ao período letivo de 2018/2, terão direito adquirido à conclusão da estrutura curricular referente ao PPC de 2012. Portanto, não haverá migração entre estruturas curriculares, de estudantes matriculados até 2018/1.



### 3. Transição para a Geografia – EC 2018

Os estudantes oriundos ou da transição via BHU ou da reopção de curso ou da obtenção de novo título, serão matriculados na estrutura curricular de 2018.

A reopção de curso e a obtenção de novo título são procedimentos regulamentados por legislação específica da UFVJM e sua disponibilidade é condicionada à existência de vagas remanescentes.

### 4. Complementação de Estudos

O período de oferta simultâneo das estruturas curriculares de 2012 e de 2018 será garantido enquanto houver estudantes vinculados à EC 2012. Há previsão de que a oferta simultânea ocorra até 2020/2, quando há expectativa de conclusão do curso dos estudantes com matrícula 2018/1. Após este prazo, havendo estudantes com vínculo e matrícula na EC 2012, todos serão reconduzidos para a EC 2018.

De modo geral, no curso de Geografia, a transição entre as estruturas curriculares será facilitada, pois a maioria (29) das unidades curriculares apresenta equivalência – ao total, são 44 UCs na EC 2018. O Quadro 01 apresenta as unidades curriculares da EC 2018, informando a relação das que apresentam equivalência e daquelas que são novas.

**Quadro 01 – Relação de UC equivalentes entre EC 2012 e EC 2018**

Unidades Curriculares	Carga Horária Total
<b>Apresentam equivalência</b>	
1. Análise Espacial	75
2. Antropologia Cultural	60
3. Biogeografia	60
4. Cartografia Temática	60
5. Climatologia Geográfica	60
6. Didática no Ensino de Geografia	75
7. Educação Ambiental	75
8. Educação em Geociências	75
9. Espaço e Poder	75
10. Fundamentos de Geologia	60
11. Geografia Agrária	75
12. Geografia da População	60



13. Geografia do Brasil: Formação Territorial	75
14. Geografia Humanista	75
15. Geografia Urbana	60
16. Geomorfologia Geral	75
17. Hidrogeografia	60
18. Introdução à Cartografia	60
19. Introdução ao Pensamento Geográfico	60
20. Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	60
21. Metodologia Científica	60
22. Políticas Educacionais	75
23. Psicologia da Educação	75
24. Solos e Paisagens	75
25. Eletiva I	60
26. Eletiva II	60
27. Eletiva III	60
28. Eletiva IV	60
29. Eletiva V	60
<b>UC Novas</b>	
1. Seminários de Introdução à Geografia	15
2. Patrimônio e Educação Colaborativa	75
3. Fundamentos e Práticas de Ensino em Geografia	75
4. Direitos Humanos e Diversidade	75
5. Sociologia da Educação	60
6. Pesquisa em Geog. no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	30
7. Geografia do Brasil: Domínios Morfoclimáticos	60
8. Estágio Supervisionado IV (Espaço não formal)	100
9. Estágio Supervisionado II (Ensino Fundamental)	100
10. Estágio Supervisionado III (Ensino Médio)	100
11. Estágio Supervisionado I (Gestão Escolar)	100
12. PE Educação e Sociedade	100
13. PE Educação e Natureza	75
14. PE Trabalho de Campo	75
15. PE Vale do Jequitinhonha	100
<b>Carga Horária Total</b>	<b>3260</b>

Considerando a disponibilidade de turno letivos, sendo cinco noites, uma manhã e tarde letivos (sábado) e dos recursos humanos do Curso, as estruturas curriculares serão organizadas para garantir o fluxo formativo dos ingressantes e, também, contribuir na



aceleração da conclusão de curso dos veteranos. Mas, de todo modo, será necessário realizar a complementação de estudos, em três situações:

**Situação I:** Criação da unidade curricular “Prática de ensino” na estrutura curricular de 2012, a fim de garantir o registro da prática de ensino como componente curricular por meio de complementação de estudos para os estudantes EC 2012. Alternativa também discutida é a solicitação de aproveitamento de estudo registrado e formalizado junto as disciplinas cursadas pelos alunos que apresentam EC 2012, esse aproveitamento deverá ser solicitado a **Divisão de Matrícula e Acompanhamento Acadêmico - DMAA**. Para isso o professor responsável pela UC deverá preparar um plano de estudos e atividades avaliativas, as quais serão chanceladas e registradas pelo Colegiado de Curso, processo que antecederá a solicitação a DMAA

Esta situação se aplica a sete (07) casos, relacionados no Quadro 02:

**Quadro 02 – Relação de UCs com equivalência da carga horária teórica, mas que precisam ofertar complementação de estudos para EC 2012.**

Código	Componente Curricular	Carga Horária					PR	Equivalência EC 2012_1
		T	P	PCC	CR	CHT		
GEO003	Geografia do Brasil: Formação Territorial	60	15	-	5	75	NC	GEO 434- Geografia do Brasil 90h (60T + 30PCC)
GEO015	Geografia Agrária	60	15	-	5	75	NC	GEO439- Geografia Rural e Agrária 90h (60T + 30PCC)
GEO018	Análise Espacial	60	15	-	5	75	GEO007	GEO437-Sensoriamento Remoto e Sistemas de Inf. Geográficas 90h (60T + 30PCC)
GEO020	Educação Ambiental	60	-	15	5	75	NC	GEO438- Educação Ambiental 90h (60T + 30PCC)
GEO024	Geografia Humanista	60	15	-	5	75	NC	GEO435-Geografia Humanista e Cultural - Métodos Qualitativos 90h (60T + 30PCC)
GEO026	Solos e Paisagens	60	15	-	5	75	GEO016 GEO019	GEO433 Solos e Paisagens 90h (60T + 30PCC)
								OEM

Desta forma, propomos que a complementação de estudos será realizada por meio da oferta da UC Práticas de Ensino (30 horas PCC) com uma turma vinculada a cada UC que tenha estudantes da EC 2012 matriculados. O docente e o estudante desenvolverão a



complementação de estudos em forma de prática de ensino, de modo a garantir o cumprimento da carga horária referente ao componente curricular da EC 2012.

**Situação II:** Realizar a complementação de estudos para 10 UCs equivalentes entre as EC 2012 e 2018, mas que apresentam diferença de 15 horas-aula em cada UC.

Código	Componente Curricular	Carga horária			Pré-requisitos *Correquisitos	Equivalência EC 2012_1
		T	CR	CHT		
GEO001	Antropologia Cultural	60	4	60	_____	BHU124- Introdução à Antropologia 75h
GEO004	Introdução à Cartografia	60	4	60	_____	BHU419- Introdução à Cartografia 75h
BCH051	Sociologia da Educação	60	4	60	_____	BHU323-Sociologia da Educação 75h
GEO007	Cartografia Temática	60	4	60	GEO004	BHU421-Cartografia Temática-Fundamentos e Aplicações 75h
GEO008	Fundamentos de Geologia	60	4	60	_____	BHU417 Fundamentos de Geologia 75h
GEO009	Geografia da População	60	4	60	_____	BHU418 Geografia da População 75h
GEO010	Introdução ao Pensamento Geográfico	60	4	60	_____	BHU420-Introdução ao Pensamento Geográfico 75h
GEO013	Climatologia Geográfica	60	4	60	_____	BHU416- Climatologia 75h
GEO019	Biogeografia	60	4	60	GEO013	BHU412-Fundamentos de Ecologia e Biogeografia 75h
GEO021	Geografia Urbana	60	4	60	_____	BHU414-Geografia Urbana 75h
LIBR001	Língua Brasileira de Sinais-Libras	60	4	60	_____	LPI634-Fundamentos da Libras 75h
GEO020	Educação Ambiental	15	5	75	NC	GEO438- Educação Ambiental 90h (60T + 30PCC)

**Situação III:** Os estudantes da EC 2012 matriculados em UCs da EC 2018, para integralização curricular, será ofertada a complementação de estudos da respectiva disciplina por meio de regime especial ou Alternativa também discutida é a solicitação de aproveitamento de estudo registrado e formalizado junto as disciplinas cursadas pelos alunos que apresentam EC 2012, esse aproveitamento deverá ser solicitado a **Divisão de Matrícula e**



**Acompanhamento Acadêmico - DMAA.** Para isso o professor responsável pela UC deverá preparar um plano de estudos e atividades avaliativas, as quais serão chanceladas e registradas pelo Colegiado de Curso, processo que antecederá a solicitação a DMAA

Para a realização das complementações de estudos nesta situação, será ofertada, quando for necessário, disciplina de caráter interdisciplinar denominada Tópicos Especiais III – Estudos geográficos.

A realização da complementação de estudos será acompanhada pelo docente regente, sendo aberta a colaboração de outros docentes e, para fins de registro, ao final do semestre letivo, as atividades deverão ser arquivadas pelo Curso de Geografia.

## 5. Unidades curriculares eletivas

Para garantir a integralização curricular dos estudantes vinculados a EC 2012 e viabilizar a oferta simultânea da EC 2012 e 2018, será necessário:

- A) Inclusão de unidades curriculares da EC 2012 (BHU) na EC de 2018 (Geografia), na qualidade de eletivas (relação das UCs no Quadro 3 – Relação das ementas no Anexo 01);
- B) Inclusão de unidades curriculares da EC 2018 (Geografia) na EC de 2012 (BHU), na qualidade de equivalentes (relação das UCs no Quadro 3) – no BHU somente podem ser ofertadas disciplinas com 75 horas-aula;

### Quadro 3 – Relação de Unidades Curriculares a serem incluídas no PPC Geografia 2018, na qualidade de ELETIVAS

Código	Disciplinas	CH Total
BHU126	Introdução à Política	75
BHU125	Introdução à Sociologia	75
BHU181	Políticas Públicas	75
BHU137	Espanhol Instrumental	75
BHU128	Inglês Instrumental	75
BHU171	Literatura e Tecnologias do Texto	75
BHU116	Oficina de Texto em Língua Portuguesa	75
BHU185	Ética	75
BHU186	Estética	75
BHU115	Introdução à Filosofia	75
BHU187	Teoria do Conhecimento e Epistemologia	75
BHU188	Introdução aos Estudos Históricos	75
BHU139	Cognição, Representação Linguística e Interação	75



BHU127	Introdução à Psicologia	75
BHU189	Psicologia do Desenvolvimento Adulto	75
BHU184	Psicologia do Desenvolvimento Infantil	75
BHU135	Metodologia da Pesquisa Científica	75
BHU136	Projeto de Pesquisa	75
BHU119	Tecnologia, Cognição e Sociedade	75
BHU190	Arte e Cultura	75
BHU108	Arte-Educação	75
BHU114	Atualidades – Seminários	75
BHU198	Comunicação Midiática	75
BHU109	Diversidade Cultural	75
BHU129	Formadores do Brasil	75
BHU097	História e Cidadania no Brasil	75
BHU191	História, Memória e Patrimônio	75
BHU100	Identidade, Narrativa e Formação Humana	75
BHU098	Intérpretes contemporâneos do Brasil	75
BHU104	Movimentos Sociais e Educação do Campo	75
BHU099	Patrimônio Cultural Material e Imaterial	75
BHU107	Política e o Estado Brasileiro	75
BHU102	Semiologia e Comunicação	75
BHU103	Sociologia da Cultura e da Arte	75
BHU106	Subjetividades e a Escrita Autobiográfica	75
BHU096	Tópicos Especiais I	75
BHU095	Tópicos Especiais II	75
BHU094	Tópicos Especiais III	75
BHU092	Tópicos Especiais V	75
BHU091	Tópicos Especiais VI	75
BHU118	Universidade e Ciência	75

**Quadro 4 – Relação das unidades curriculares a serem incluídas no PPC BHU 2012**

Código	Componente Curricular	Tipo	Mod <sup>1</sup>	Carga horária						Pré-requisitos *Correquisitos	Equivalência EC 2012_1
				T	P	PCC	EC S	CR	CHT		
GEO001	<del>Antropologia Cultural</del>	Θ	Pres	60	=	=	=	4	60	=====	<del>BHU124- Introdução à Antropologia 75h</del>
GEO002	Educação em Geociências	O	Pres	75	-	-	-	5	75	=====	BHU138- Fisiologia da Terra 75h
<del>BCH001</del>	<del>Sociologia da Educação</del>	Θ	Pres	60	=	=	=	4	60	=====	<del>BHU323- Sociologia da Educação 75h</del>
GEO007	Cartografia Temática	Θ	Pres	60	=	=	=	4	60	GEO004	<del>BHU421- Cartografia Temática- Fundamentos e Aplicações 75h</del>
GEO008	Fundamentos de Geologia	Θ	Pres	60	=	=	=	4	60	=====	<del>BHU417- Fundamentos de Geologia 75h</del>
GEO009	Geografia da População	Θ	Pres	60	=	=	=	4	60	=====	BHU418 Geografia da População 75h



GEO010	Introdução ao Pensamento Geográfico	Θ	Pres	60	=	=	=	4	60	=====	BHU420 Introdução ao Pensamento Geográfico 75h
GEO013	Climatologia Geográfica	Θ	Pres	60	=	=	=	4	60	=====	BHU416- Climatologia 75h
GEO016	Geomorfologia Geral	Θ	Pres	60	15	=	=	5	75	GEO008	BHU413- Geomorfologia Geral 75h
GEO019	Biogeografia	Θ	Pres	60	=	=	=	4	60	GEO013	BHU412- Fundamentos de Ecologia e Biogeografia 75h
GEO021	Geografia Urbana	Θ	Pres	60	=	=	=	4	60	=====	BHU414 Geografia Urbana 75h



**Anexo 01 – Ementas das unidades curriculares a serem incluídas no PPC GEO 2018, como eletivas.**

**INTRODUÇÃO À POLÍTICA – BHU126**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Fundamentos e argumentos teórico-históricos da fundação do Estado Moderno ao Liberalismo. Fortalecimento de movimentos sociais, crise do liberalismo e o neoliberalismo. O papel do Estado e os diferentes regimes políticos. O desenvolvimento da democracia e as reivindicações derivadas da afirmação dos direitos humanos. Política Social e crise Contemporânea.

**Bibliografia básica:**

WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 1970

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo, Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

**Bibliografia complementar:**

WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 1970

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.

ARISTÓTELES. **A política**. Brasília, Ed. UnB, 1997.

PLATÃO, **A República**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1982.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo, Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. São Paulo, Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores).

MONTESQUIEU. **Do espírito das leis**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

STUART MILL. **Sobre a liberdade**. São Paulo: Nacional, 1942.

TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América**. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. Itatiaia; EDUSP, 1987.

GIDDENS, Anthony. **A terceira via: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social democracia**. Rio de Janeiro, Record, 2000.

DOWNS, Anthony. **Uma teoria econômica da democracia**. São Paulo, EDUSP, 1999.

RAWLS, J. **O liberalismo político**. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e Democracia: entre facticidade e validade** (2 vols.). Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1997.

HABERMAS, J. Participação política. In: Cardoso, FH. **Política & Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional.

**INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA - BHU125**

Carga Horária 75 h/a



**Ementa:** Surgimento da Sociologia como ciência. Principais vertentes da sociologia. Autores clássicos – Marx, Durkheim e Weber – e princípios de suas teorias. Campos e objetos de análise sociológicos. Sociedade contemporânea: temas e metodologias de pesquisa sociológica.

**Bibliografia básica:**

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: Martin Claret, 2002.  
MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2002.  
WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2002.

**Bibliografia complementar:**

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita**. Repensar a Reforma. Reformar o Pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.  
SANTOS, Laymert Garcia. **Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética**. SP: ed. 34, 2003.  
SENNET, Richard. **O Declínio do Homem Público**. As tiranias da Intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.  
SENNET, Richard. Respeito. **A Formação do Caráter em um Mundo Desigual**. Rio de Janeiro: Record, 2003.  
SLOTERDIJK, Peter. **O Desprezo das Massas**. Ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.  
TURA, M.L.R.(org.) **Sociologia para educadores**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.  
WEBER, Max (COHN, Gabriel org.) **Sociologia** - Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática. 1989.  
WEBER, Max. **Ciência e Política**. Duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1993.  
ZIZEK, S. (org.) **Um mapa da ideologia**. RJ: Contraponto, 1996.

**POLÍTICAS PÚBLICAS – BHU181**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** A disciplina tem como objetivo apresentar os principais estudos, tradições dentro da ciência política, que abordam todos os processos decisórios, bem como, os atores e instituições envolvidas. Também apresentar as principais transformações contemporâneas nos contextos de políticas públicas. Para isso, trabalharemos a globalização, a descentralização e outros fatores determinantes dessas transformações.

**Bibliografia Básica:**

Abranches, S. H., W. G. Santos, et al. (1987). **Política social e combate à pobreza**. Rio de Janeiro, Zahar.  
Ferraz, D. and C. Madureira (2006). **Modelos de formação de dirigentes públicos: análise comparativa**. Oeiras, Instituto Nacional de Administração.  
IPEA, I. d. P. E. A. (s.d.). **Políticas sociais - acompanhamento e análise - Edição especial (1995-2005)**. Brasília, IPEA. 13.  
Jaccoud, L. o. (2005). **Questão social e políticas sociais no Brasil contemporâneo**. Brasília, IPEA.  
Sawaya, A. L. (2006). "Políticas públicas: pontos de método e experiências." **Estudos Avançados** 20(56).

**Bibliografia Complementar:**



Heidemann, Francisco G e Salm, José F. (orgs.) (2006) **Políticas Públicas e Desenvolvimento – bases epistemológicas e modelos de análise**. Brasília, Ed. UnB.

Cohen, Michael, March, J. and Olsen, J. (1972) **A garbage can model of organizational choice**.

Administrative Science Quarterly, vol. 17, n. 1.49

Ripley, Randall (1995). **Stages of the policy process**. In: **McCool, D., Public Policy Theories, Models, and Concepts: An Anthology**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Farah, M. F. S., P. L. B. Silva, et al. (2005). "Comparative public policy - a framework for collaborative teaching and research and diffusing methodologies of analysis." **Cadernos NEPP UNICAMP**(69).

### **ESPAÑHOL INSTRUMENTAL – BHU137**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Estudo instrumental do idioma Espanhol para o curso Bacharelado em Humanidades, com ênfase na ampliação dos conhecimentos culturais (literários, inclusive) sobre o universo hispânico, no desenvolvimento das habilidades de compreensão leitora e auditiva, bem como no da proposta transdisciplinar subjacente ao curso em questão. Estudo introdução das principais questões gramaticais da língua estrangeira.

#### **Bibliografia básica:**

CASTRO, Francisca. **Uso de la gramática española: elemental**. Madrid: Edelsa Grupo Didascalía, 2000.

**DICIONÁRIO ESCOLAR ESPANHOL**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FANJUL, Adrián. (org.). **Gramática y práctica de español para brasileños**. São Paulo: Santillana/Moderna, 2005.

#### **Bibliografia complementar:**

ALLENDE, Isabel. **Afrodita**. Barcelona: Debolsillo, 2003.

BENEDETTI, Mario. **Cotidianas**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

GÓMEZ TORREGO, **Leonardo**. Gramática didáctica del español. Madrid: SM ediciones, 1998. GONZÁLEZ HERMOSO, Alfredo. **Conjugar es fácil**. Madrid: Edelsa, 1997.

GRANDES, Almudena. **Castillos de cartón**. Barcelona: Tusquets Editores, 2004.

### **INGLÊS INSTRUMENTAL – BHU128**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Aquisição das competências comunicativas: gramatical, sócio-cultural, discursiva e de estratégias de leitura em língua inglesa. Estudos morfossintáticos, semânticos e fonológicos através de textos escritos e orais.

#### **Bibliografia básica:**

SOUZA, A. G. F. et al. **Leitura em Língua Inglesa: uma abordagem instrumental**. São Paulo: Disal, 2005.

MUNHOZ, R. **Inglês Instrumental: estratégias de leitura / Módulos 1 e 2**. São Paulo: Texto Novo, 2004. MURPHY, R. **Essential Grammar in Use: a self-study reference and practice book for elementary students of English with answers**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

#### **Bibliografia complementar:**

BEZERRA, L. A.; LOPES, C. R.; MARQUES, L. O. **Módulos 1, 2, 3, 4, 5 e 6 de Língua Inglesa do Programa Pró-Universitário**, São Paulo, 2004.



HEWINGS, M. **Advanced Grammar in Use**: a reference and practice book for advanced students of English. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.  
LATERZA, A. C., coord. **Inglês Instrumental**. Uberaba, Universidade Federal do Triângulo Mineiro em Uberaba, 53 [digitado].  
MURPHY, R. **English Grammar in Use**: a self-study reference and practice book for intermediate students of English with answers. 3.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.  
VALLANDRO, Leonel. **Dicionário inglês-português, português-inglês**. 16.ed. São Paulo, SP: Globo, 1991.

### **OFICINA DE TEXTO EM LÍNGUA PORTUGUESA – BHU116**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Leitura como estratégia de interação homem/mundo mediada pelo texto; processos de leitura e produção de textos como estratégia de constituição do sujeito; leitura e produção de textos de diferentes gêneros com ênfase no texto dissertativo de caráter acadêmico-científico.

#### **Bibliografia básica:**

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.  
MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.  
MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras/ALB/CEALE, 2001.

#### **Bibliografia complementar:**

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.  
KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes Editora, 1989. Análise e produção de textos. In: Maria T. G. Pereira (org.) **Língua e linguagem em questão**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997, p. 261-283.  
KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.  
SIGNORINI, Inês (org.). **Investigando a relação oral-escrita e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

### **ÉTICA – BHU185**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Análise da experiência moral: a dialeticidade da condição humana, a ação, a felicidade, o finalismo do agir, os valores, a obrigação e a sanção. Interpretações da experiência moral: principais correntes do pensamento ético. A essência e o fundamento da moralidade. A ordem moral objetiva: prescritividade, universalidade e variedade das normas morais; a lei natural; o direito e a moral. Questões controversas de ética. Ética e política. Natureza das normas de moralidade. Interpretação dos princípios morais. Constituinte ético: Origem da Ética e seu caráter histórico e social. Realização individual e coletiva da Ética. Fundamentação axiológica da Ética. Paradigmas éticos na história da Filosofia (teorias, autores, problemas e obras).

#### **Bibliografia básica**

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômano. Livro II**, Tradução de Vincenzo Cocco... [et al.], São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)  
FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros** (Curso no College de France: 1982-1983) Tradução e Eduardo Brandão, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.



WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. In **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

### **Bibliografia complementar**

- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BORNHEIM, Gerd Alberto. **Dialética: teoria e práxis; ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da dialética**. Porto Alegre: Editora Globo; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Biblioteca de filosofia contemporânea. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 45.
- VAZ, Henrique C. de Lima, SJ. **Raízes da modernidade: Escritos de filosofia VII**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- HORKHEIMER M. & ADORNO T.W. O Conceito de Esclarecimento. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1997.
- FREUD, Sigmund. FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na Civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago, sd.

### **ESTÉTICA – BHU186**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Apresentação dos conteúdos do pensamento estético no âmbito filosófico e da teoria da arte, por meio das idéias de vários pensadores na história da Filosofia. Análise das relações entre cultura e natureza, entre sujeito e objeto com foco na criação de linguagens e entendimentos das experiências sensíveis e racionais do ser humano.

### **Bibliografia básica**

- JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** Santa Maria, RGS: Editora UNISINOS, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- TSUI-JAMES, E. P, BUNNIN, Nicholas. **Compêndio de filosofia**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

### **Bibliografia complementar**

- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **A estratégia dos signos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.
- ORTEGA Y GASSET, José. **A desumanização da arte**. São Paulo: Cortez, 2001.
- SANTAELLA, Lucia. *Estética*, de Platão a Peirce. São Paulo: Ed. Experimento, 2000.
- GIANNOTTI, José Arthur. **Lições de Filosofia Primeira**. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.
- KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

### **INTRODUÇÃO À FILOSOFIA – BHU115**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Origem e gênese da filosofia. Principais períodos da história da filosofia – filosofia antiga, medieval, moderna e contemporânea. Principais campos de investigação filosófica – ontologia ou metafísica, lógica, epistemologia, teoria do conhecimento, ética, filosofia política, filosofia da história, história da filosofia, estética, filosofia da linguagem. Respostas contemporâneas às questões filosóficas.

### **Bibliografia básica:**

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, Mestre Jou. 1982.
- GIANNOTTI, José Arthur. **Lições de Filosofia Primeira**. São Paulo. Companhia das Letras,



2011. LÉVÊQUE, Pierre. **A aventura grega**. Tradução Raul Miguel Rosado Fernandes. Lisboa: Edicoes Cosmos, 1967. Coleção Rumos do Mundo.

### **Bibliografia complementar:**

ABRANTES, Paulo. **Imagens da natureza, imagens de ciência**. Campinas: Papyrus, 1998.  
COLLINGWOOD, R. G. **Ciência e filosofia**. Lisboa: Editora Presença, 1976.  
PASCAL, I. **A arte de pensar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.  
REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga** (5 volumes). SP: Loyola, 1993.  
ARENDRT, Hanna. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo, São Paulo: Ed. Universidade São Paulo, 1981.

### **TEORIA DO CONHECIMENTO E EPISTEMOLOGIA – BHU187**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** A função do conhecimento. O círculo hermenêutico. A pergunta e o problema: o processo da hipótese: certeza e construção crítica. Inventário do processo do conhecimento no Ocidente. O ser, a ontologia, a natureza. Em perspectiva, modernidade e modernização, o estatuto da onto-antropologia e a ciência contemporânea. Contribuição do ordenamento da ciência em seu propósito epistemológico. As teorias do conhecimento e a influência da estrutura sistêmica do capitalismo. História como elemento de compreensão do ser e do objeto. Conflito entre objetividade e subjetividade. A ciência contemporânea e sua crise ontológica. O projeto civilizador iluminista em diálogo entre positivismo e dialética negativa, estruturalismo, fenomenologia e conhecimento histórico. A tecnologia como senhora do saber articulado e fragmentado.

### **Bibliografia básica**

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Livro VII, Trad. Leonel Vallandro, Porto Alegre: Editora Globo, 1969. DESCARTES, René. Discurso do método. **Os Pensadores**. 3. ed., Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1983.  
KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 3. ed. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujao, Lisboa: Serviço de Educação, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.  
MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

### **Bibliografia complementar**

ADORNO, Theodor W. **Dialética negativa**. Tradução Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.  
BORNHEIM, Gerd Alberto. **Dialética: teoria e práxis; ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da dialética**. Porto Alegre: Editora Globo; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.  
ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998. HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 2004.  
HEGEL, G. W. F. **Ciência de la lógica**. 4ª. Edición castellana. Traducción directa del alemán de Augusta Y Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1976.  
KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.  
LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. Tradução Rodney Nascimento, São Paulo: Martins Fontes, 2003.  
MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo**



**alemão na dos seus diferentes** profetas. Volume I, 3. ed., Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, s/d.  
WOODS, Alan, GRANT, Ted. **Razão e revolução**. Tradução Fabiano Adalberto de Almeida Leite e Fernando Borges Leal. São Paulo: Editora Lutas de Classe Ltda, 2007

## **INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICOS – BHU188**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** As bases fundamentais da história da disciplina: do seu nascimento na Antiguidade Clássica aos seus desdobramentos no século XX. Noções fundamentais do trabalho do historiador: veracidade, temporalidade, objetividade, memória, alteridade, interdisciplinaridade. Diálogos da História com saberes afins: Ciências Sociais, Estudos Literários e Lingüísticos, Geografia. A escolha, o estudo e o manejo dos objetos, fontes e métodos historiográficos. Métodos e Técnicas da Pesquisa em História.

### **Bibliografia Básica:**

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.  
FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Presença, 1989.

### **Bibliografia Complementar:**

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.  
GAGNEBIN, Jeanne Marie. O início da História e as lágrimas de Tucídides. In: **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. São Paulo: Imago, 1997. p. 15-37.  
HOBSBAWM, Eric J. **Sobre História: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.  
LEPETIT, Bernard. Proposições para uma prática restrita de interdisciplinaridade. In: **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.  
DUBY, Georges. **A história continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

## **COGNIÇÃO, REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICA E INTERAÇÃO – BHU139**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Reflexão acerca da relação entre a cognição, a estruturação linguística e as práticas interacionais de linguagem. Os conceitos de metáfora, categorização, representação e gramática. Fundamentos da Linguística Cognitiva. A perspectiva sociocognitivo-interacional e experiencialista no estudo da linguagem. A abordagem textual-interativa do texto falado.

### **Bibliografia Básica:**

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.  
LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

### **Bibliografia Complementar:**

BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Orgs.). **Introdução à linguística 3: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Contexto, 2004.  
FIORIN, J. L. F. (Org.). **Introdução à linguística: I. Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002. JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção do texto falado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.



KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2006. MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2010.

## **INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA – BHU127**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** A emergência da Psicologia. A Psicologia como estudo científico. Conceitos e Fundamentos da Psicologia. As correntes da Psicologia moderna. A psicanálise. Abordagem geral das principais áreas de estudos e aplicação da Psicologia. Tópicos emergentes em Psicologia.

### **Bibliografia básica:**

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia.** São Paulo: Saraiva, 2002.

ALBERTINI & FREITAS. (2009) **Fundamentos da psicologia: Jung e Reich.** RJ: Guanabara. GLASSMAN, W. E.; HADAD, M. **Psicologia, abordagens atuais.** Porto Alegre: Artmed, 2006. HERRMANN, F. **O que é a psicanálise.** São Paulo: Brasiliense, 2006. PAPALIA, DIANE E.; OLDS, SALLY WENDKOS; FELDMAN, RUTH DUSKIN.

### **Desenvolvimento**

**humano.** 8.ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006

PATTO, M. H. S.; FRAYZE-PEREIRA, J. A. (Orgs). **Pensamento cruel, humanidades e ciências humanas: há lugar para a psicologia?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

### **Bibliografia complementar:**

AMATUZZI, M. M. **Por uma psicologia humana.** Campinas: Alínea, 2001.

BASTOS, A. V. B.; ROCHA, N. M. D. (orgs). **Psicologia. Novas direções no diálogo com outros campos de saber.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

CARPIGIANI, B. **Lugares da Psicologia.** São Paulo: Vetor, 2008 DAVIDOFF, L. L. **Introdução à psicologia.** São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

GAZZANIGA, M. S., & HEATHERTON, T. F. **Ciência Psicológica. Mente, Cérebro e Comportamento.** Porto Alegre: ArtMed, 2005.

GOODWIN, C. J. **História da psicologia moderna.** São Paulo, Cultrix, 2005. MYERS, DAVID. **Introdução à psicologia Geral.** Rio de Janeiro: LTC, 1999 MORVAL. J. **Psicologia ambiental.** Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

PENNA, A. G. **Introdução à psicologia do Séc. XX.** Porto Alegre: Imago Editora, 2004.

PFROMM NETTO, S. **Psicologia da aprendizagem e do ensino.** São Paulo: EPU, 1987.

PFROMM NETTO, S. **Psicologia guia de estudo.** São Paulo: EPU, 1985.

ROSENFELD, A. **O pensamento psicológico.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

VYGOTSKI, L.S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (1988) **Linguagem, desenvolvimento e Aprendizagem.** São Paulo, Ícone. 228.

## **PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO ADULTO – BHU189**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Análise do desenvolvimento humano adulto enquanto processo de interação entre as dimensões biológicas, sociocultural, afetiva e cognitiva. Aprendizagem adulta, envelhecimento e morte.

### **Bibliografia Básica:**

ARAÚJO, L. F.; FALCÃO, D.V.S. (Orgs) **Psicologia do Envelhecimento.** Campinas:

Alínea, 2009. ARIÉS, P. **O homem diante da morte.** São Paulo: Francisco Alves, 1990.



COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. (Orgs) **Desenvolvimento e psicologia da educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artmed, 2004. v.1.

**Bibliografia Complementar:**

FALCÃO, D.V.S.; DIAS, C.M.S.B. (Orgs) **Maturidade e Velhice: Pesquisa e Intervenções Psicológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GRIFFA, M. C; MORENO, J. E. **Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento: Adolescência, vida adulta e velhice**. V.2. São Paulo: Paulinas, 2001.

KROM, M. **Família e Mitos: Prevenção e terapia, resgatando histórias**. São Paulo: Summus, 2000. NOGUEIRA, M.O.G. **Aprendizagem do aluno adulto, implicações para a prática docente no ensino superior**. Curitiba: IBPEX, 2010.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

**PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL – BHU184**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Análise do desenvolvimento humano enquanto processo de interação entre as dimensões biológicas, sociocultural, afetiva e cognitiva e sua relação com o processo de ensino e aprendizagem ao longo do ciclo vital.

**Bibliografia Básica:**

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. (Orgs) **Desenvolvimento e psicologia da educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artmed, 2004. v.1.

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. (Orgs) **Desenvolvimento e psicologia da educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. Porto Alegre: Artmed, 2004. v.3. PIAGET, J; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

**Bibliografia Complementar:**

GESELL, A. **A criança de 0 a 5 anos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

VIGOTSKY, L.S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

**METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA – BHU135**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Conceito de Ciência/cientificidade; formas de pensamento; pesquisa: abordagem conceitual e formal; métodos e técnicas de pesquisa científica e tecnológica; estratégias de análise, sistematização de alguns dos gêneros textuais que dão suporte e/ou resultam da pesquisa científica e tecnológica: resumo, fichamento, relatório, artigo, monografia, referências bibliográficas segundo normas ABNT.

**Bibliografia básica:**

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de. **Construindo o Saber**. 11 ed. Campinas, SP: Papirus, 1989. 175 p.

CERVO, A.; BERVIAN, P.A & SILVA, R.. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2001. 120p.



FRANÇA, Júnia Lessa (org.). **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2000. APOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência; filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

FRANÇA, Júnia Lessa. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 6. Ed. rev. e aum.. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica; a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

#### **Bibliografia complementar:**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação – Referências**

– **Elaboração**: NBR 6023. São Paulo: ABNT, 2002. 24 p.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação – Numeração progressiva das seções de um documento escrito– Apresentação**: NBR 6024. São Paulo: ABNT, 2003. 3p.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação – Livros e folhetos - Apresentação**: NBR 6029. São Paulo: ABNT, 2006. 10 p.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação**: NBR 10520. São Paulo: ABNT, 2002. 7 p.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação – Trabalhos Acadêmicos– Apresentação**: NBR 14724. São Paulo: ABNT, 2005. 9p.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação – Projeto de Pesquisa – Apresentação**: NBR 15287. São Paulo: ABNT, 2005. 6 p.

LAGE, B. & MILONE, P. Bases para a Elaboração de um Trabalho Científico. In: **Turismo: Teoria e Prática**. . 1.ed. São Paulo: Atlas, 2000

LAKATOS, E. & MARCONI, M.A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1983. RUIZ, J.A. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002. SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 20 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber; manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, Ltda. ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MACHADO, Anna Rachel (coord.). **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. (leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos; 1)

MACHADO, Anna Rachel (coord.). **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. (leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos; 2)

MACHADO, Anna Rachel (coord.). **planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos;3)

#### **PROJETO DE PESQUISA – BHU136**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Apresentar ao estudante os principais métodos e técnicas de pesquisa quantitativa e qualitativa para as ciências humanas, como história oral, pesquisa de campo, entrevista, survey, pesquisa documental e outros. Possibilitar a redação do projeto de pesquisa para o TCC, pré-requisito básico para a formação do bacharel.

#### **Bibliografia básica:**

BOTH, S.J; SIQUEIRA, C.J de Souza. **Metodologia científica faça fácil sua pesquisa**.



OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisa, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses. São Paulo: Pioneira, 1997.  
POPPER, Karl S. **A lógica da pesquisa científica**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.  
RAMON Y CAJAL, Santiago. **Regras e conselhos sobre a investigação científica**. 3.ed. São Paulo: REA, L.M., PARKER, R.A. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2000.  
RUDIO, V. V. **Introdução a projetos de pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1980.  
SAMPIERI, Roberto Hernández. **Metodologia da Pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.  
SANTOS, J.A., PARRA FILHO, D. **Metodologia científica**. São Paulo: Futura, 1998.

#### **Bibliografia complementar:**

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.  
FLICK, U. **Desenho da Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.  
KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos da metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.  
TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.  
TRUJILLO, F. Alfonso. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill, 1982.  
VIEGAS, Waldyr. **Fundamentos de metodologia científica**. Brasília: Editora da UnB/Paralelo 15, 1999.

#### **TECNOLOGIA, COGNIÇÃO E SOCIEDADE – BHU119**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Relação Tecnologia e Sociedade. Tecnologia, Informação e Ciências Humanas. Aplicações da informática na pesquisa acadêmica e no dia-a-dia. Internet. Editores de Texto, de Apresentação e Planilha eletrônica. Cibercultura, interação Homem-Máquina, Ergonomia, Cognição, Processamento de Dados e Sociedade.

#### **Bibliografia básica:**

CAPRON, H. L; JOHNSON, J. A. **Introdução à informática**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004. 350.  
LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1997. 204 p.  
MICROSOFT CORPORATION. **Obtendo resultados com o Microsoft Office 97**. São Paulo: Microsoft, 1996. 716 p

#### **Bibliografia complementar: Faltam 3 referencias complementares**

CYBIS, Walter. A. **Qualidade do Software na Interação com o Usuário: uma abordagem ergonômica**. Florianópolis: LABIUTIL, 1997.  
LEMONS, André. **Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: ULINA, 2002.  
RAMAL, Andrea Cecília. **Educação na Cibercultura: Hipertextualidade, Leitura, Escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.  
RAMALHO, José Antônio. **Introdução à informática**. 5.ed. São Paulo: Futura, 2003. 168 p.

#### **ARTE E CULTURA – BHU190**

Carga Horária 75 h/a

**EMENTA:** A arte colonial e a cultura do barroco. O “neoclassicismo tropical” e os artistas



franceses. A representação da paisagem no olhar dos viajantes. A construção simbólica da nação brasileira. A estruturação do ensino de arte no Brasil. As vanguardas artísticas e o modernismo brasileiro. A arte engajada e o movimento tropicalista. As tendências contemporâneas e os espaços de consagração. Indústria cultural e mercado de arte. Mecenato artístico e políticas culturais.

#### **Bibliografia Básica:**

ÁVILA, Afonso. **O lúdico e as projeções do mundo barroco**. São Paulo: Perspectiva, 1971.  
COLI, Jorge. **Como entender a arte brasileira no século XIX?** São Paulo: SENAC, 2005.  
MICELI, Sergio. **Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

#### **Bibliografia Complementar:**

AMARAL, Aracy. **Artes plásticas na Semana de 22**. 5.ed. São Paulo: Editora 34, 1998.  
FABRIS, Annateresa (org.). **Modernidade e modernismo no Brasil**. Campinas: Mercado das Letras, 1994.  
SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.  
REIS, Paulo. **Arte de vanguarda no Brasil: os anos 1960**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

#### **ARTE-EDUCAÇÃO – BHU108**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** A Arte-Educação compreende o debate envolvendo a Arte com a Educação Escolar. A disciplina promove a discussão curricular escolar atual fundamentada nos PCNs e estabelece o dialogo entre o conceito de arte, sociabilidades e sua aplicação pedagógica escolar.

#### **Bibliografia Básica:**

BARBOSA, Ana Mae (Org.) **Arte-Educação Contemporânea**. Consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.  
BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1996.  
BITTENCOURT, Cândida A. de Carvalho. **Arte e Educação**. Da Razão nstrumental à Racionalidade Emancipatória. São Paulo: Juruá, 2004.  
COLI, Jorge. **O que é arte?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

#### **Bibliografia Complementar:**

HAAR, Michel. **A obra de arte**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.  
HUISMAN, Denis. **A estética**. Lisboa: Edições 70, 1994. HUYGHE, René. **O poder da imagem**. Lisboa: Edições 70, 1986.  
LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Museu, Educação e Cultura**. Encontros de crianças e professores com a arte. Campinas: Papyrus, 2005.  
MEIRA, Marly. **Filosofia da criação**. Reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003. PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

#### **ATUALIDADES – SEMINÁRIOS – BHU114**

Carga Horária 75 h/a



**Ementa:** Construção do conhecimento contemporâneo por discussões sobre diversos temas presentes no atual espaço global, política, economia, educação e sociedade.

**Bibliografia básica:**

- ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de (Org.) et.al. **Que país é esse?:** Pensando o Brasil contemporâneo. São Paulo: GLOBO, 2006.
- ARISTÓTELES. **A Política.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BAUDRILLARD, Jean. **Modernidade.** Enciclopédia Universalis, vol. 11. Trad. Guedes. (s/d).
- BOBBIO, N. (org.) **Dicionário de Política.** 2 vols. Brasília: Ed. UnB, 1993.
- DIAZ BORDENAVE, Juan E. **O que é participação.** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LENOIR, Hugues. **Educar para Emancipar.** SP: Editora Imaginário; Manaus: Edit. Da Univ. Federal do Amazonas, 2007.

**Bibliografia complementar:**

- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: polêmicas do nosso tempo.** Campinas, SP: Autores Associados, 1997.
- MAAR, Wolfgang Leo. **O que é política.** Editora brasiliense, 1988.
- FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **A formação do cidadão produtivo.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.
- KUPSTAS, Márcia (org.). **Educação em Debate.** São Paulo: Moderna, 1998. Leite, Marcelo. **Meio ambiente e sociedade.** São Paulo: Ática, 2005.
- LOMBARDI, José Claudinei (org.). **Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais.** Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2001.

**COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA – BHU198**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Processos da comunicação. Campo da comunicação e ciências humanas. Comunicação e indústria cultural. Mídia, conhecimento e opinião pública. Comunicação social, comercial e institucional. Evolução e atualização dos meios de comunicação fixos e móveis. Mídias tradicionais e atuais. Seleção e uso de mídias: televisão, jornal, revistas, *outdoor*, internet, *blogs*, *sites*, redes de relacionamento, entre outros. Som e cor. Relações multimídias entre comunicação gráfica, eletrônica e digital.

**Bibliografia básica:**

- ARMAND, Matelard. **História das Teorias da Comunicação.** São Paulo: Loyola, 2004.
- BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos.** Editora Perspectiva, São Paulo, 2000.
- DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente.** Petrópolis: Vozes, 1993. GIOVANNINI, Giovanni (Coord.). **Evolução na comunicação: do sílex ao silício.** Tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- VIRILIO, Paul. **O espaço crítico.** Rio de Janeiro: ED 34, 1993.

**Bibliografia complementar:**

- CARPENTER, Olivier et MCLUHAN, Marshall. **Revolução na Comunicação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- COSTELLA, Antônio Fernando. **Comunicação: do grito ao satélite - história dos meios de comunicação.** 5.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2002
- DEBRAY, Régis. **O Estado sedutor.** Petrópolis: Vozes, 1994.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados.** São Paulo: Perspectiva, 1979.



FIGUEIREDO, José Carlos. **Comunicação sem fronteiras**: da pré-história à era da informação. São Paulo: Gente, 1999.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Vol. 2: Necrose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

POLISTCHUK, Ilana e TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da Comunicação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. SUBIRATS, Eduardo. **A cultura como espetáculo**. São Paulo: Nobel, 1989.

### **DIVERSIDADE CULTURAL – BHU109**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Os diversos espaços sócio-culturais: clivagens de classe, inter-etnias, sexuais e de gênero. Identidades e alteridades no Brasil contemporâneo. Diversidade cultural e suas implicações no processo de conhecimento e significação do mundo.

#### **Bibliográfica Básica:**

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. UNESCO. **Anteprojeto da Convenção sobre a Proteção da Diversidade de Conteúdos Culturais e Expressões Artísticas**. CLT/CPD/2004/CONF.201/2, Paris, julho de 2004.

#### **Bibliografia complementar**

BERNARD, François de. Por uma definição do conceito de diversidade cultural. In: BRANT, Leonardo (Org.). **Diversidade Cultural. Globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas**. São Paulo: Escrituras Editora: Instituto Pensarte, 2005, p.73.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**.

Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

UNESCO. **Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural**. Paris, 02 nov. 2001.

### **FORMADORES DO BRASIL- BHU129**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** A construção do Brasil e suas interpretações. Estudo da produção intelectual e das linhas de pesquisa que abordam a constituição do Brasil como nação.

#### **Bibliografia básica:**

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500-1800)**. Rio de Janeiro: M. Orosoco & C., 1907.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de interpretação sociológica**. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. 49ª ed., São Paulo: Global, 2004.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34ª ed., São Paulo: Cia das Letras 2007.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1870**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2005. PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 23ª ed., São Paulo:



Brasiliense, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação Histórica do Brasil**. 14ª ed., Rio de Janeiro: Graphia, 2002. (Série Memória Brasileira).

#### **Bibliografia complementar:**

ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. **Gilberto Freyre e a invenção do Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. **Brasil: Nações Imaginadas. Pontos e Bordados – Escritos de história e política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 233-268.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5- 27, 1988.

LAVALLE, Adrián Gurza. **Vida pública e identidade nacional** – Leituras Brasileiras. São Paulo: Globo, 2004.

PIVA, Luiz Guilherme. **Ladrilheiros e semeadores: A modernização brasileira no pensamento político de Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Azevedo Amaral e Nestor Duarte (1920-1940)**. São Paulo: Editora 34, 2000.

WEHLING, Arno. **Estado, história, memória: Varnhagem e a construção da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

### **HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO – BHU191**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** História e Memória. Documento e monumento. Memória coletiva. Memória social. Os lugares da memória. A crise da memória. A invenção das tradições. O papel do historiador. As tradições do direito e as noções de patrimônio. A formação das coleções a partir do século XIV. O desenvolvimento da ciência da classificação no século XVIII. O nascimento dos museus no século XIX. Os estados nacionais e a institucionalização do patrimônio. A revolução francesa e a invenção do patrimônio. A questão do patrimônio como narrativa do passado. A organização dos museus. As pinturas históricas. Os arquivos permanentes. A multiplicidade das definições conceituais de patrimônio. Reflexões conceituais sobre patrimônio histórico-cultural. Das edificações antigas ao patrimônio imaterial. Políticas culturais. Gestões patrimoniais. Legislação patrimonial. O papel da UNESCO. Experiências latino-americanas. As cidades históricas. As Instituições nacionais. Do Departamento de Cultura de São Paulo ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

#### **Bibliografia básica:**

FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LEMONS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SILVA, Zélia Lopes da. **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP/FAPESP, 1999.

#### **Bibliografia complementar:**

GONÇALVES, J. R. S. **O patrimônio enquanto categoria de pensamento**. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **O que é patrimônio imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.



RIEGL, Alois. **El culto moderno a los monumentos**. Madrid: Visor, 1987.  
CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n. 23, 1994.

### **LITERATURA E TECNOLOGIAS DO TEXTO – BHU171**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** A questão do suporte na estruturação das mensagens. Influências da técnica na representação e na recepção das obras literárias. Teorias do Hipertexto. Estudos sobre literatura eletrônica.

#### **Bibliografia Básica:**

DARNTON, Robert. A questão dos livros: passado, presente e futuro. Tradução: Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.  
Berman, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.  
LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.  
PLAZA, Julio. Tradução intersemiótica. São Paulo, SP: Perspectiva, 1987.

#### **Bibliografia Complementar:**

IRWIN, William. Matrix: bem-vindo ao deserto do real. São Paulo: Madras, 2003.  
LÉVY, Pierre. O que é o Virtual? Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.  
LÉVY, Pierre. Cibercultura. 2.ed. São Paulo: Ed.34, 2000.  
SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos; Martins, Gilberto Figueiredo (Org.). Literatura, imprensa e sociedade: ensaios. Marília: Poiesis, 2009.

### **MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO DO CAMPO – BHU104**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** O Campo, a educação e a escola. O urbano e o campo. A educação não formal e a escolar. O movimento da escola rural à escola do campo. Especificidade da educação do campo: concepções e práticas.

#### **Bibliografia básica:**

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha B. Gonçalves e. (org.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.  
MENEZES NETO, Antonio Júlio de. **Além da Terra: cooperativismo e trabalho na educação do MST**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.  
SIMSON, Olga Rodrigues Von; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. (org.). **Educação não-formal: cenário da criação**. Campinas. SP: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001.

#### **Bibliografia complementar:**

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: DF, outubro de 2004.  
BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes operacionais para a educação básica nas**



**escolas do campo.** Resolução NE/CEB nº 1 de 03/abr/2002.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação do Campo: proposta e práticas pedagógicas do MST.** Petrópolis: Vozes, 2006.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias: o Brasil é mais urbano do que se calcula.** 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

## **POLÍTICA E O ESTADO BRASILEIRO – BHU107**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** O objetivo da disciplina é apresentar a organização do Estado brasileiro. Analisar as diretrizes constitucionais, levando em consideração as mudanças político-institucionais, administrativas e legais. Para tanto, serão discutidos alguns conceitos básicos, tais como o federalismo, o presidencialismo, a separação dos três poderes, o sistema partidário brasileiro, as elites políticas e também as reformas.

### **Bibliografia básica**

HELD, David. **Modelos de Democracia.** Belo Horizonte, Paidéia, 1985.

HUNTINGTON, Samuel P. **A terceira onda: a democratização no final do século XX.** São Paulo: Ed. Ática, 1994.

LIJPHART, Arend. **Modelos de democracia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

### **Bibliografia Complementar**

CINTRA, A. O.; AVELAR, L., (orgs.). **Sistema político brasileiro: uma introdução.** Curitiba: Fundação. Konrad-Adenauer; São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

FIGUEIREDO, A. C.; LIMONGI, F. **Executivo e legislativo na nova ordem constitucional.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

KINZO, M. D. **Radiografia do quadro partidário brasileiro.** Curitiba: Fundação Konrad-Adenauer, 1993. NICOLAU, Jairo POWER, Timothy J. (orgs), **Instituições Representativas no Brasil: Balanço e Reformas.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

NICOLAU, Jairo Marconi. **Multipartidarismo e democracia.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

## **SEMIOLOGIA E COMUNICAÇÃO – BHU102**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Estudo e análise semiológica dos meios de comunicação. Leitura e textos verbais, visuais, audiovisuais e hipermediáticos. A construção da imagem e a manipulação simbólica no processo da informação.

### **Bibliografia básica**

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia.** São Paulo: Cultrix, 2000. BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte.** São Paulo: Edições Loyola, 1996. ECO, Umberto.

**Tratado Geral de Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 1991.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, Informação e Comunicação.** São Paulo: Perspectiva, 2001. NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica.** São Paulo: Annablume, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Semiótica no Século XX.** São Paulo: Annablume, 1999. PINTO, Júlio. **1, 2, 3 da Semiótica.** Belo Horizonte: UFMG, 1995. SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SUBIRATS, Eduardo. **A cultura como espetáculo.** São Paulo: Nobel, 1989.



### **Bibliografia Complementar**

- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1998.  
DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente**. Petrópolis: Vozes, 1994. DURANT, Will. **A idade da fé**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.  
DURANT, Will. **A história da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.  
ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.  
PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.  
PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.  
SANTAELLA, Lúcia e NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

### **SOCIOLOGIA DA CULTURA E DA ARTE – BHU103**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Constituição da “esfera cultural”; Produção artística e intelectual; Obras e seus públicos; Invenção social do artista e do intelectual nas sociedades moderna e contemporânea; História social da arte e suas correntes teóricas; A formação dos campos artísticos e as inovações estéticas; Indústrias culturais; A dinâmica das políticas culturais, democratização da cultura, democracia cultural, autonomia relativa da “esfera da cultura”; processos civilizatórios na modernidade; Sociologia da cultura e pensamento social no Brasil.

### **Bibliografia básica:**

- CUCHE, Denis. *A noção de cultura das ciências sociais*. São Paulo: Edusc, 2002.  
FREDERICO, Celso. *Sociologia da cultura*. São Paulo: Cortez, 2006.  
HEINICH, Nathalie. *Sociologia da arte*. Bauru: Edusc, 2008.

### **Bibliografia complementar:**

- ADORNO, Theodor. *Dialéctica negativa*. Madrid: Taurus, 1984.  
ADORNO, Theodor. *Ideias para uma sociologia da música*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção “Os Pensadores”.  
ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. São Paulo: Editora 34, 2003.  
ADORNO, Theodor. *Prismas: la crítica de la cultura y la sociedad*. Barcelona: Ariel, 1962.  
ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 1980.  
ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialéctica de la Ilustración*. Madrid: Trotta, 1998.  
ARGAN, Giulio Carlo. *As fontes da arte moderna*. Revista Novos Estudos Cebrap, n° 18, setembro de 1987, p. 49-56.  
ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.  
ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru: Edusc, 2001.  
ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Trajetórias da sociologia da cultura no Brasil: os anos recentes*. In: Revista USP, n° 50, jun-jul-ago de 2001.  
AUERBACH, Eric. *Mimesis: La representación de la realidad en la literatura occidental*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.  
BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre arte*. São Paulo: Imaginário, 1998.  
BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.  
BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



- BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica; arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: aventuras da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. São Paulo: Edusp, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditaciones pascalianas*. Barcelona: Anagrama, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BRETON, André; TROTSKY, Leon. *Por uma arte independente e revolucionária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo*. Campinas: Papirus, 1993.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguales y desconectados*. Barcelona: Gedisa, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1975.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1962. Volumes 04 e 05.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil*. São Paulo: DP&A, 2000.
- EAGLETON, Terry. *La estética como ideologia*. Madrid: Trotta, 2006.
- EAGLETON, Terry. *La función de la crítica*. Barcelona: Paidós, 1999.
- EAGLETON, Terry. *La idea de cultura*. Barcelona: Paidós, 2004.
- ELIAS, Norbert. *A peregrinação de Watteau à ilha do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert. *La sociedad de los individuos*. Barcelona: Península, 1990.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus no séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREIRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil: aspectos das formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
- GAUTIER, Théophile. *Baudelaire*. São Paulo: Boitempo, 2001.
- GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- HEGEL, G.W.F. *Cursos de estética*. São Paulo: Edusp, 2001. Volumes 01 e 03.
- HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- JAMESON, Frederic. *A virada cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense, 1993.
- LAURENT, Fleury. *Sociologia da cultura e das práticas culturais*. São Paulo: SENAC, 2008.



- LESSING, Georg. *Laocoonte ou sobre as fronteiras da poesia e da pintura*. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- LÖWY, Michael. *Aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LUKÁCS, Georgy. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- LUKÁCS, Georgy. *Introdução a uma estética marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- MANNHEIM, Karl. *Sociologia da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre literatura e arte*. Lisboa: Estampa, 1974.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naif, 2006.
- MICELI, Sérgio. *Imagens negociadas: retratos da elite brasileira (1920-1945)*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- MICELI, Sérgio. *Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: Ática, 1999.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- ORTIZ, Renato. *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- PEIXOTO, Fernanda Areas. *Diálogos brasileiros: uma análise sobre a obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp, 2000.
- PONTES, Heloisa. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANCHEZ-VAZQUEZ, Adolfo. *Convite à estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- SARTRE, Jean-Paul. *O que é literatura?* São Paulo: Ática, 2004.
- SHELLING, Friedrich. *Filosofia da arte*. São Paulo: Edusp, 2001.
- SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- SCHILLER, Friedrich. *Kallias ou sobre a beleza*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- SCHILLER, Friedrich. *Poesia ingênua e sentimental*. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- SCHLEGEL, Friedrich. *Conversa sobre poesia*. São Paulo: Iluminuras, 1994.
- SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- SIMMEL, Georg. *La tragédie de la culture et autres essais*. Marseille: Rivages, 1988.
- WEBER, Max. *Fundamentos racionais e sociológicos da música*. São Paulo: Edusp, 1995.
- WEBER, *Sociología de la religión*. Madrid: Taurus, 1982.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura y sociedad: 1780-1950*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- WILLIAMS, Raymond. *El campo y la ciudad*. Argentina: Paidós, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

## SUBJETIVIDADES E A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA – BHU106

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Subjetividade e escrita. Linguagem e ficcionalização. Memória e ficção. A escrita e as situações limites. A escrita autobiográfica e a infância. A escrita autobiográfica na Literatura Brasileira.

### Bibliografia Básica:



MENDES, M. **A Idade do Serrote**. Rio de Janeiro: Record, 2003. MORLEY, H. **Minha Vida de Menina**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. RAMOS, G. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

**Bibliografia Complementar:**

BARTHES, R. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995. CANDIDO, A. **Educação pela Noite**. São Paulo: Ática, 1989.  
GALLE, H; OLMOS, A. C.; KAN ZEPOLSKY, A. ; IZARRA, L. (orgs) **Em Primeira Pessoa**.  
**Abordagens de uma Teoria da Autobiografia**. São Paulo: FAPESP/USP, 2009.  
LEJEUNE, P. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

**TÓPICOS ESPECIAIS I – BHU096**

Carga Horária 75 h/a

Os tópicos especiais serão oferecidos por docentes conforme a demanda, obedecendo ao Eixo Interdisciplinar da matriz Curricular do BHU e seu ementário será de acordo com as Unidades Curriculares propostas pelos docentes a cada semestre.

**TÓPICOS ESPECIAIS II – BHU095**

Carga Horária 75 h/a

Os tópicos especiais serão oferecidos por docentes conforme a demanda, obedecendo ao Eixo Interdisciplinar da matriz Curricular do BHU e seu ementário será de acordo com as Unidades Curriculares propostas pelos docentes a cada semestre.

**TÓPICOS ESPECIAIS III – BHU094**

Carga Horária 75 h/a

Os tópicos especiais serão oferecidos por docentes conforme a demanda, obedecendo ao Eixo Interdisciplinar da matriz Curricular do BHU e seu ementário será de acordo com as Unidades Curriculares propostas pelos docentes a cada semestre.

**TÓPICOS ESPECIAIS V – BHU092**

Carga Horária 75 h/a

Os tópicos especiais serão oferecidos por docentes conforme a demanda, obedecendo ao Eixo Interdisciplinar da matriz Curricular do BHU e seu ementário será de acordo com as Unidades Curriculares propostas pelos docentes a cada semestre.

**TÓPICOS ESPECIAIS VI – BHU091**

Carga Horária 75 h/a

Os tópicos especiais serão oferecidos por docentes conforme a demanda, obedecendo ao Eixo Interdisciplinar da matriz Curricular do BHU e seu ementário será de acordo com as Unidades Curriculares propostas pelos docentes a cada semestre.



## **UNIVERSIDADE E CIÊNCIA – BHU118**

Carga Horária 75 h/a

**Ementa:** Aspectos históricos das Ciências e da Universidade na civilização ocidental. Conceitos modernos de Universidade, seu papel social e político. A Universidade no Brasil e a UFVJM. Universidade e construção dos campos do conhecimento científico em humanas: Turismo, História, Geografia, Letras e Pedagogia.

### **Bibliografia básica:**

- ANDEY, Maria Amália (et al). **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica.** RJ: Espaço e tempo. SP: EDUC, 2001.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** S. P.: Unesp, 1999.
- CHAUÍ, Marilena; LEHER, Roberto. **A Universidade Pública sobre nova Perspectiva.** ANPED, 2003.
- CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Temporã: O ensino superior, da Colônia à Era Vargas.** 3ª ed. SP: Editora Unesp, 2007.

### **Bibliografia complementar:**

- CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Crítica: o ensino superior na República Populista.** RJ: Francisco Alves, 1989.
- CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Reformada: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior.** RJ: Francisco Alves, 1988.
- GREIVE, Cinthia. **História da Educação.** SP: Ática, 2007.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA Filho, Luciano Mendes; GREIVE, Cynthia Greive. (org). **500 anos de educação no Brasil.** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- OLIVEIRA, Terezinha. **Origem e memória das universidades medievais.** In: Várias Histórias. Belo horizonte, vol. 23, nº 37: p. 113-129, jan/jun 2007.



## **ATIVIDADE DE AULAS DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO/A GEÓGRAFO/A PROFESSOR/A**

A geografia sempre foi um conhecimento de campo. Ao experienciar o mundo, ao se relacionar, as pessoas fazem suas geografias. De maneira mais sistemática, o conhecimento Grego se fazia e se expandia na mesma proporção de suas viagens e interações com outras culturas. O mundo ainda estava por conhecer, o ecúmeno se expandia, rios, montanhas, territórios ganhavam nomes, ganhavam registro.

O período de criação da ciência geográfica, não foi diferente. A Geografia científica nasceu em campo. Era o campo a fonte primária de conhecimento. Era ele que gerava as questões que seriam objeto de pesquisa.

Humboldt, um dos primeiros cientistas ao qual se atribui uma Geografia, baseou toda a sua obra em trabalhos de campo. Suas expedições que duravam meses ou até anos resultaram em obras monumentais de descrição das terras longínquas. O seu famoso “Quadros da Natureza” é um diário de campo. O objetivo é o de “pintar” as inúmeras paisagens vistas, nos aspectos que vão desde a vegetação, a composição dos solos e a geologia, até os animais e insetos que povoam o ambiente e aos homens que ali vivem, suas práticas, costumes e línguas:

Junto das altas montanhas de granito, que desafiaram a erupção das águas, ao formar-se, na mocidade da Terra, o mar das Antilhas, começa uma vasta planície que se estende até se perder de vista. Se, depois de atravessar os vales de Caracas e o lago Tacarigua, semeado de numerosas ilhas, e no qual se reflectem (sic) os plátanos que lhe assombream as margens, se passar pelos prados onde brilha a verdura clara e suave das canas de açúcar de Taiti, ou se deixar para trás a sombra densa dos bosquezinhos de cacau, a vista dilata-se e descansa para o sul sobre as estepes as quais parecem ir-se levantando gradualmente e desvanecer no horizonte (HUMBOLDT, 1950, p.5).

O trabalho de campo como prática científica não era exclusividade da Geografia. Foi nas ciências naturais – nas quais Humboldt se formou - que seus métodos e pressupostos foram delimitados. Os viajantes lançavam mão de linguagem metafórica e similitudes para criar no leitor a imagem do era descrito. O intuito era trazer uma imagem “viva” do que se observa, compondo uma rica descrição do desconhecido.



A Geografia clássica se baseou fortemente neste método de trabalho. Valorizava o trabalho de campo como fonte primária e primaz de conhecimento geográfico. Em seu “Geografia Humana”, Jean Brunhes se pergunta:

“¿Em qué consiste el espíritu geográfico?

Quien es geógrafo sabe abrir los ojos y ver. No ve quien quiere. Em materia de geografía física, como em materia de geografía humana, el aprendizaje de la visión positiva de las realidades de la superficie terrestre será el primer estadio, y no el más cómodo.

Como consecuencia, el método geográfico, em todos los dominios em que puede implantarse, es um método que otorga el primer lugar y el principal interés al estudio exacto, preciso, de lo que es hoy.” (BRUNHES, 1948, p. 282)

O geógrafo é então o especialista do ver. É o geógrafo que irá aprender técnicas de *olhar* que permitirão retirar da realidade, a exatidão necessária para as pesquisas científicas.

Um das grandes marcas da Geografia clássica francesa – as monografias regionais – são a expressão última deste fundamento: descrições detalhadas dos mais diversos aspectos da realidade, organizadas em compêndios que, posteriormente, permitiam a pesquisa em si. Não raro, estas monografias se apresentavam em dois volumes, o primeiro deles contendo a descrição, o segundo, a pesquisa propriamente dita. Fazer ciência geográfica sem trabalho de campo era praticamente impensado – o termo “geógrafo de gabinete” carregava consigo um tom pejorativo.

No transcorrer do séc. XX, com o conhecimento da quase totalidade do mundo, o trabalho de campo passou a servir, sobretudo, a duas funções: em pesquisa, servia para confirmar dados sistematizados e adquiridos em laboratórios e gabinete; em sala de aula, como demonstração daquilo que o professor ensinou.

O trabalho de campo em geografia passou a ser frequentemente usado como um recurso didático-pedagógico fundamental. Para sua efetiva ação, é preciso que o professor prepare os alunos para o que será visto, delimite o campo de visão e os itens a serem observados, e discuta estes itens depois. O trabalho de campo é uma “comprovação” da realidade mostrada em sala de aula ou pesquisas bibliográficas (Cavalcanti, 2011).

Em pesquisas científicas, o campo é onde são gerados dados primários e confirmam-se ou ajustam-se os secundários, isto é, dados que podem corroborar ou não a hipótese de trabalho e conceitos científicos. Neste caso, a observação em campo é mais sistemática e menos aleatória [...] A tecnologia incorporada cada vez mais aos instrumentos utilizados por determinadas técnicas pode diminuir a necessidade de campo, já que fornece informações cada vez mais precisas da realidade (VENTURI, 2011, p.20).



A partir de meados, e com mais intensidade no último quartel do sec XX, ao absorver as matrizes fenomenológico-existencialistas, a ciência geográfica re-coloca para si a questão do campo. Na realidade, re-coloca para si as questões da própria ciência, suas funções, seus rumos, seus métodos, propondo uma Geografia das essências, que nascem através das experiências, vivências e atitudes do Ser-no-mundo. O campo como prática é, conseqüentemente, re-ponderado em suas práticas e usos.

A Geografia Humanista inaugura, na ciência, o que a prática diária já ensinava: o campo é feito de interação, não há apenas um sujeito que pesquisa, que observa, e objetos a serem descritos. É na relação que as coisas se dão. “No método fenomenológico, o campo é a expressão das diferentes leituras do mundo. É o lugar (da observação e da sistematização) do olhar do outro” (SUERTEGARAY, 2002, p.65.).

Assim, o campo tanto é fundamental como complementação e demonstração das teorias e conceitos trabalhados em sala de aula, quanto é também o *locus* da valorização do cotidiano e da experiência do sujeito-estudante.

De acordo com as Diretrizes curriculares para o curso de Geografia (MEC, 2001, p.11), São Competências e Habilidades Gerais do curso de Geografia:

- a. Identificar e explicar a dimensão geográfica presente nas diversas manifestações do conhecimentos;
- b. **Articular elementos empíricos e conceituais**, concernentes ao conhecimento científico dos processos espaciais;
- c. Reconhecer as diferentes escalas de ocorrência e manifestação dos fatos, fenômenos e eventos geográficos;
- d. **Planejar e realizar atividades de campo referentes à investigação geográfica;**
- e. Dominar técnicas laboratoriais concernentes a produção e aplicação do conhecimento geográficos;
- f. Propor e elaborar projetos de pesquisa e executivos no âmbito de área de atuação da Geografia ;
- g. Utilizar os recursos da informática;
- h. Dominar a língua portuguesa e um idioma estrangeiro no qual seja significativa a produção e a difusão do conhecimento geográfico;
- i. Trabalhar de maneira integrada e contributiva em equipes multidisciplinares. (*Grifo nosso*)

Sendo assim, vemos que os trabalhos de campo constam como elementos fundamentais para o bom andamento dos cursos de geografia. Além disso, estas atividades somam-se à carga horária de Atividades Acadêmicas Complementares, conforme versa o mesmo documento (MEC, 2001, p.12):



Neste contexto, são consideradas atividades integrantes da formação do aluno de Geografia, além da disciplina: estágios, que poderão ocorrer em qualquer etapa do curso, desde que seus objetivos sejam claramente explicitados; seminários; participação em eventos; discussões temáticas; atividades acadêmicas à distância; iniciação à pesquisa, docência e extensão; vivência profissional complementar; estágios curriculares, **trabalhos orientados de campo**, monografias, estágios em laboratórios; elaboração de projetos de pesquisa e executivos, além de outras atividades acadêmicas a juízo do colegiado do curso. (*Grifo nosso*)

Entendemos ainda que, em um curso de Licenciatura em Geografia, o princípio da simetria invertida, em que o estudante vive situações que serão depois reproduzidas como profissional docente com seus alunos na educação básica, somadas às técnicas de transposição didática tornam os trabalhos de campo ainda mais fundamentais para a formação dos discentes da UFVJM.

As políticas de ensino no país têm, cada vez mais, valorizado a experiência individual e coletiva dos estudantes de todos os níveis de ensino, tornando a aprendizagem mais conectada à realidade imediata do aluno para que, a partir daí, possam ser feitas projeções e abstrações para além de sua vivência imediata.

Os indivíduos constroem seus conhecimentos **em interação com a realidade**, com os demais indivíduos e colocando em uso suas capacidades pessoais. O que uma pessoa pode aprender em determinado momento depende das possibilidades delineadas pelas formas de pensamento de que dispõe naquela fase de desenvolvimento, dos conhecimentos que já construiu anteriormente e das situações de aprendizagem vivenciadas. É, portanto, **determinante o papel da interação que o indivíduo mantém com o meio social** e, particularmente, com a escola. [...] Por mais que o professor, os companheiros de classe e os materiais didáticos possam e devam contribuir para que a aprendizagem se realize, **nada pode substituir a atuação do próprio aluno na tarefa de construir significados** sobre os conteúdos da aprendizagem. É ele quem vai modificar, enriquecer e, portanto, construir novos e mais potentes instrumentos de ação e interpretação. (MEC, 2002, p. 31-32) (*grifo nosso*)

O Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia (UFVJM, 2018) é outro documento que subsidia e complementa a necessidade de realização de trabalhos de campo, tendo mesmo a menção à esta atividade em ementas de diversas disciplinas, demonstrando, inclusive, ser esta uma atividade fundamental para o cumprimento dos conteúdos disciplinares previstos.



É importante lembrar que as atividades de aula de campo são imprescindíveis para a integralização curricular, conforme recomenda a legislação vigente no tocante à formação de professores de geografia. Além disso, as atividades práticas realizadas no âmbito do curso estão também previstas no novo projeto pedagógico curricular, a ser iniciado em 2018/2. Aliás, atendendo as normativas da Resolução CNE 02/2015, haverá oferta de 400 horas de Práticas de Ensino (como componente curricular) que devem ser realizadas, em grande parte, em ambiente extraclasse, pois preconizam a articulação entre Universidade e Escola. Cabe incluir, ainda, as atividades de extensão (cuja oferta é obrigatória) e de pesquisa, que envolvem todo corpo discente e docente do curso. Deste modo, destacamos a importância do seguro discente, pois tem papel de resguardar discente em todas e quaisquer situações que envolvam as **atividades de ensino, pesquisa e extensão** – indissociáveis no cumprimento dos deveres da Universidade pública, gratuita e de qualidade.

Assim, para além do cumprimento das diretrizes circulares para os cursos de geografia, os trabalhos de campo são estratégias de aprendizagem, de conexão com a realidade, de transposição de didática e de vivência prática do aprendizado teórico fundamentais, elementares que alicerçam e sustentam um curso de geografia de qualidade na formação de professores.

## Referências

- BRUNHES, Jean. **Geografía Humana**. (Trad. Joaquina Comas Ros). Barcelona: Editorial Juventud, 1948.
- CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito. Fundamentos históricos metodológicos da pesquisa de campo em Geografia. **Geosul**, Florianópolis, v.26, n.51, p. 39-58, jan./jun. 2011.
- HUMBOLDT, Alexander Von. **Quadros da Natureza**. 1º volume. (Trad. Assis Carvalho) Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc. Editores, 1950.
- MEC, Ministério da Educação. Parecer CNE/CEES 492/2001, homologado, publicado no Diário Oficial da União de 09/07/2001, seção1e, p.50. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>, Acesso em: 10/04/214
- MEC, Ministério da Educação. Parecer CNE/CP 9/2001, homologado, publicado no Diário Oficial da União de 18/01/2002, seção1, p.31. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>, Acesso em: 10/04/214
- SILVA, Armando Corrêa da. Natureza do trabalho de campo em Geografia Humana e suas limitações. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v.1, p.49-54, 1982.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de Campo em Geografia. **Geographia**, Niterói, v.4, n.7, p. 64-68, 2002.



TUAN, Yi-Fu. Life as a field trip. **Geographical Review**. Manhattan, v.91, n.1/2, p.41-45, jan./abr. 2001.

UFVJM, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia. Outubro de 2011. Disponível em [http://www.ufvjm.edu.br/cursos/index.php?option=com\\_content&view=article&id=286&Itemid=886](http://www.ufvjm.edu.br/cursos/index.php?option=com_content&view=article&id=286&Itemid=886), Acesso em: 10/04/2014.

VENTURI, Luis Antonio Bittar. A técnica e a observação na pesquisa. In: VENTURI, Luis Antonio Bittar (org). **Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula**. São Paulo: Editora Sarandi, 2011, cap 02, p. 11-28.



## **Diretrizes, possibilidades e desafios do uso de TDICs na formação do geógrafo-professor**

### **1. Princípios do uso das TICs na formação docente**

Paulo Freire já destacava que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1998, p. 68). Segundo ele, as pessoas aprendem umas com as outras, tendo os professores como mestres que devem ensinar com rigorosidade metódica, usando seus saberes fundamentais em favor da autonomia do educando. De acordo com essa ideia, não pode haver docência sem discência, que ensinar não é transferir conhecimento e é uma especificidade humana.

Neste sentido, aprender está relacionado com o convívio com o outro, especialmente em escolas e universidades, entretanto com o desenvolvimento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) é cada vez mais comum aprender usando essas tecnologias. A explosão da aprendizagem *on-line* criou uma demanda por professores que saibam trabalhar no ciberespaço. Cada vez mais, os professores estão sendo convidados a utilizar as TDICs no trabalho docente.

Tais questões fazem parte do cotidiano do professor que atua no ensino superior ou na educação básica. Ele vem sendo provocado a dar respostas a essas questões a partir do exercício da docência em sala de aula. Em busca de melhores resultados no ensino, em seus vários aspectos, os docentes têm utilizado o as TDICs como instrumento mediador do processo educativo.

Neste sentido, a utilização das TDICs na formação de professores de Geografia coloca novas ferramentas e interfaces para criação de uma nova cultura educacional, da valorização profissional e da inovação educacional. Encontramos na literatura científica elementos teóricos que ajudam a entender o trabalho do professor com as TDICs e as experiências com essas ferramentas no processo educacional.

Estamos vivendo em um mundo conectado pelo uso de dispositivos computacionais do ciberespaço utilizados por pessoas de diferentes gerações, classes sociais e países. Elas são

identificadas como incluídas ou excluídas digitais. Podemos falar também em nativos e imigrantes digitais. Os nativos constituem os nascidos no século XXI com certa naturalização da tecnologia, ao passo que os imigrantes são as pessoas que se apropriaram dessa tecnologia após a fase adulta, como é o caso da maioria dos professores. Os dispositivos podem ser móveis (*tablets* e *smartphones*) ou fixos (*desktops* e TVs) e podem ser utilizados para fins comerciais, de lazer, de educação bem como para o exercício de diferentes profissões.

SCHMIDT & COHEN (2013) afirmam que estamos em uma nova era digital, onde o *boom* da conectividade trará ganhos em termos de produtividade, saúde, educação, qualidade de vida e milhares de outras possibilidades. Essas perspectivas podem alterar a forma tradicional de ensino e aprendizagem em nossa sociedade. As TDICs fazem parte deste cenário que colocam os professores frente as possibilidades de usá-las no cotidiano da sala de aula.

Os modelos de sociedade apresentados por HARVEY (2001); CASTELLS (1999, 2003) ajudam a entender as implicações de uma nova sociedade tecnológica para a educação. Segundo estes autores a sociedade do futuro é aquela em que o conhecimento é a base da economia, portanto a educação é o fator fundamental para novas possibilidades de desenvolvimento. Neste cenário, o professor representa o ator mais importante para que as propostas de mudanças educacionais possam ser implementadas em escolas e universidades.

Pierre Lévy (1993, 1999) discute a questão do uso das TDICs, trazendo novos conceitos como cibercultura, ciberespaço e inteligência coletiva que contribuem para a análise das relações entre o ensino e a utilização de artefatos tecnológicos baseados em uma comunicação online. Entre suas previsões, destacamos aquela que trata da inteligência coletiva, ou seja, que previa o desenvolvimento de instrumentos e interfaces que facilitariam a construção de uma inteligência coletiva a partir da interação entre diferentes usuários dispersos no espaço geográfico.

O impulso do uso das TDICs na sociedade refletiu diretamente na educação que revigora com o novo aparato tecnológico, tornando-se objeto de estudo de vários pesquisadores, destacando-se VALENTE (2002), BELLONI (1999), OLIVEIRA (2002). Belloni (1999) compartilha a ideia de que o principal motivo para integrar informática e educação é porque computadores estão cada vez mais presentes na vida cotidiana de todos nós e fazem parte do universo dos jovens. Para Valente (2002) as TDICs permitem que os sujeitos estabeleçam interações com suas ideias, com as dos outros, com as tecnologias em uso e com as informações disponibilizadas.

Outros autores relacionam o uso das TDICs como um caminho para promover a cidadania e a democracia. Para Carneiro et al. (2007):

O caminho de aliar a informática ao ensino de Geociências nas escolas seria um germe contra a padronização reinante de conteúdos, rumo a uma contribuição à cidadania e à democracia, graças à regionalização de currículos. (CARNEIRO et al., 2007, p.98)

Observa-se que os autores acreditam que o uso da informática não é capaz, por si só, de provocar megamudanças na educação. Suas pesquisas têm demonstrado que novas possibilidades de ensino e aprendizado têm surgido a partir do uso das TDICs. Ferrés (1998) afirma que a educação com multimeios permite adaptar-se às capacidades perceptivas e mentais dos diversos alunos, compensando os *deficits* derivados da aprendizagem com outros meios expressivos, indicando que a interação e colaboração podem favorecer fortemente o aprendizado.

Algumas experiências inovadoras servem para ilustrar isso, por exemplo, a *Khan Academy* apresenta novas formas de ensinar, tentando combinar a arte do ensino com a ciência da apresentação e análise de informações, da transmissão das informações mais clara, abrangente e relevante ao menor custo possível (Khan, 2013 p. 18). Outras experiências com o uso de redes sociais (*Facebook, Twiter, Google, Instagran, etc*) e plataformas educacionais diversas que visam integrar professores, instituições de ensino e aprendentes surgem a cada dia.

Por outro lado, no campo educacional, muito se diz sobre inclusão digital, o que sugere no senso comum, meramente o uso de computadores. Entretanto, a inclusão digital não depende de redes sociais, motores de busca ou troca de mensagens instantâneas na Internet. O totalitarismo digital a que estamos submetidos, está tomando conta das nossas vidas, somos “obrigados” a participar do *Facebook, Google, Twiter, Whatsapp* e serviços de outras grandes empresas que têm interesses corporativos muito acima dos interesses coletivos. Inclusão digital implicaria uma inclusão cultural.

Autores que ajudaram a criar a própria Internet tais como Douglas Rushkoff e Jaron Lanier, destacam a perda de humanidade que está sendo promovido pelas grandes empresas de tecnologia. Neil Postman (1994) sugere que ao introduzir tecnologia em um novo ambiente, sejam feitas as seguintes perguntas: 1- Quais problemas a nova tecnologia resolverá? 2- De quem é o problema que será resolvido? 3- Quais pessoas e instituições serão prejudicadas com esta solução? 4- Que novos problemas serão criados se resolvermos este problema? 5- Que

pessoas e instituições irão adquirir especial poder político e econômico em razão da mudança tecnológica? 6- Que mudanças na linguagem estão sendo forçadas pela nova tecnologia e o que está sendo ganho e perdido em razão das mudanças na linguagem? (POSTMAN, 1994).

Em outras palavras, antes de discutirmos o “como” promover a inclusão digital devemos perguntar o “por quê”. No campo do conhecimento geográfico caberia perguntar, por exemplo: Por que utilizar novas tecnologias para formar professores de Geografia? Essa é a questão norteadora, cuja resposta credencia o curso de Geografia para uma proposta de inclusão digital. A tecnologia tem que entrar pela mãos dos professores e não apenas como um elemento a ser incluído na prática pedagógica.

A inclusão digital precisa considerar a inclusão cultural, ou seja, tentar ser a exceção ao invés de ser a regra; ter foco na pesquisa como base para aquisição de novos conhecimentos e não aceitar a mera substituição do analógico pelo digital. A educação pode promover a Inclusão digital por meio da inclusão cultural, pois o computador não ensina, não controla, mas permite experimentar e assim favorece o pensamento e valoriza as pessoas.

Embora alguns cogitem a possibilidade do desaparecimento da profissão do professor, acredita-se que ele pode fazer muito mais do que um computador para promover a aprendizagem. Existem inúmeras ferramentas que auxiliam o professor a promover a inclusão digital e cultural a partir de atividades significativas que levam os estudantes a pensar.

## **2. Como será feita a construção das relações entre o curso de Geografia e os espaços educacionais para uso das TDICs?**

Um princípio norteador é entender que o Laboratório de Informática não é o único espaço para trabalhar com as TDICs ao longo do curso, mas a sala de aula, a biblioteca, as atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de outros espaços educativos ao longo do curso. O uso de dispositivos móveis como os *smartphones* e *tablets* serão incentivados enquanto ferramentas pedagógicas.

As ações de uso das TDICs ao longo do curso deve levar em conta a capacitação dos docentes do curso, ou seja, a incorporação de novas práticas docentes afim de se criar condições que os estudantes possam aplicar essa experiência na educação básica.

### 3. Espaço físico e equipamentos para uso

Há necessidade que o curso tenha um espaço físico para o planejamento elaboração e aplicação das TDICs. Para além do laboratório de informática com *softwares* e *hardware* voltados para a análise espacial, novos espaços como estúdio de gravação de vídeo-aulas e salas de webconferências são necessários para garantir a qualidade do ensino.

Os equipamentos deverão estar disponíveis para os alunos e professores do curso de Geografia, como GPS, *Tablets*, câmeras de vídeo e fotográficas, sensores e kits de robótica devem ser familiares da comunidade acadêmica.

### 4. A interdisciplinaridade e as TDICs

As práticas com as TDICs devem acontecer de forma integrada os conteúdos próprios da Geografia e as temáticas da educação. Por exemplo, o uso de editores de texto e de apresentação deve ser estimulado na etapa inicial do curso para apresentação de relatórios e projetos.

Na etapa intermediária do curso, haverá um aprofundamento na utilização das TDICs explorando as planilhas eletrônicas e sistemas de gerenciamentos de bancos de dados. Também devem ser estimuladas atividades com editores de imagens e de vídeos, voltados para construção de materiais didáticos.

Já na etapa final, os conhecimentos adquiridos ao longo das práticas educativas devem capacitar os estudantes para utilizar e gerenciar Sistemas de Informação Geográfica – SIG com desenvoltura e voltados para a prática educativa.

### 5. Referências Bibliográficas

BELLONI, M.L. 1999. **Educação à distância**. Campinas, Autores Associados, 126p.

CARNEIRO, C.D.R.; BARBOSA, R.; PIRANHA, J.M. Bases teóricas do Projeto Geo-Escola: uso de computador para ensino de geociências . **Rev. Bras. Geoc.**, 37(1):90-100. 2007.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, [vol. I de A Era da Informação: economia, sociedade e cultura] 1999.

FERRÉS J. 1998. Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais. In: J.Sancho (org.) **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre: ArtMed., p. 132-155.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1993.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

POSTMAN, N. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.

SCHMIDT, Eric; COHEN, Jared. **A nova era digital: como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

VALENTE, J. A. Diferentes usos do computador na Educação. In: ALMEIDA M. E. **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: Gráf. Central Unicamp. 1993.



Ministério da Educação  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Faculdade Interdisciplinar em Humanidades  
Curso de Graduação em Geografia-Licenciatura



## TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

Visando maior autonomia do docente em orientar e definir juntamente com o discente a melhor forma de construção de Trabalho de Conclusão de Curso, foi estabelecido pelo colegiado de curso que não normas específicas para o TCC do curso de Licenciatura em Geografia e que o mesmo irá se orientar pela RESOLUÇÃO Nº. 22 – CONSEPE, DE 16 DE MARÇO DE 2017, a qual estabelece as normas para o Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM.